



UNIVERSIDADE CATÓLICA DO SALVADOR
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FAMÍLIA NA SOCIEDADE
CONTEMPORÂNEA

**A FAMÍLIA E O ENVELHECIMENTO COM SENTIDO NA
PERSPECTIVA DA LOGOTERAPIA E ANÁLISE
EXISTENCIAL**

DENISE GERSEN PINTO COELHO

Salvador

2021

DENISE GERSEN PINTO COELHO

**A FAMÍLIA E O ENVELHECIMENTO COM SENTIDO NA
PERSPECTIVA DA LOGOTERAPIA E ANÁLISE
EXISTENCIAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Família na Sociedade Contemporânea, da Universidade Católica do Salvador, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Família na Sociedade Contemporânea.

Orientadora: Profa. Dra. Sumaia Midlej Pimentel Sá

Co-Orientador: Prof. Dr. José Luiz Sepúlveda Ferriz

Salvador

2021

Dados de Catalogação da Publicação (CIP)
Ficha Catalográfica. UCSal. Biblioteca Dom Geraldo Majella Agnelo

C672 Coelho, Denise Gersen Pinto

A família e o envelhecimento com sentido na perspectiva da logoterapia e análise existencial. / Denise Gersen Pinto Coelho.– Salvador, 2021.
76 f.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica do Salvador. Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação. Mestrado em Família na Sociedade Contemporânea.

Orientadora: Profa. Dra. Sumaia Midlej Pimentel Sá
Co-orientador: Prof. Dr. José Luís Sepúlveda Ferriz.

1. Envelhecimento 2. Logoterapia 2. Família 3. Idoso I. Orientadora: Sá - Sumaia Midlej Pimentel - Orientadora II. Ferriz, José Luís Sepúlveda – Co-orientador III. Universidade Católica do Salvador. Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação IV. Título.

CDU: 159.92-053.9

TERMO DE APROVAÇÃO

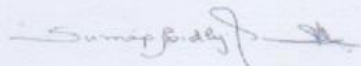
Denise Gersen Pinto Coelho

**“A FAMÍLIA E O ENVELHECIMENTO COM SENTIDO NA PERSPECTIVA DA
LOGOTERAPIA E ANÁLISE EXISTENCIAL”**

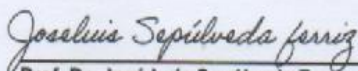
Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em
Família na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica do Salvador.

Salvador, 29 de setembro de 2021.

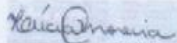
Banca Examinadora:



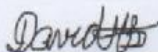
Prof. Dr. Sumaia Midlej Pimentel Sá
Orientador(a) - (UCSAL)



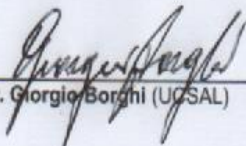
Prof. Dr. José Luis Sepúlveda Ferriz
Coorientador(a) - (UCSAL)



Prof. Dr. Lúcia Vaz de Campos Moreira (UCP)



Prof. Dr. David Moisés Barreto dos Santos (UEFS)



Prof. Dr. Giorgio Borghi (UCSAL)

“Tudo pode ser tirado de uma pessoa, exceto uma coisa: a liberdade de escolher sua atitude em qualquer circunstância da vida. Quando a circunstância é boa, devemos desfrutá-la; quando não é favorável devemos transformá-la e quando não pode ser transformada, devemos transformar a nós mesmos”.

Viktor Emil Frankl (1905-1997)

AGRADECIMENTOS

Expresso aqui a minha gratidão a Deus e aos meus pais pela oportunidade da vida e os ensinamentos éticos que me orientam em todos os momentos. Aos meus irmãos, filhos, netos, amigos, colegas de trabalho e às pessoas que transitaram em minha vida pela possibilidade de aprender, conviver e me descobrir por meio do outro. Ao meu companheiro pela compreensão, apoio, orientação e incentivo. Aos professores pela disponibilidade e apoio e, especialmente, os orientadores pela dedicação e paciência em apresentar caminhos a serem descobertos e desafiados, questionando e incentivando para que eu mesma fosse capaz de encontrar respostas coerentes com a realidade da pesquisa e mesmo diante de todo sofrimento compreenderam, apoiaram e me ajudaram a chegar ao final deste trabalho e nos próximos que virão.

Não poderia esquecer de reconhecer e agradecer aos meus entes queridos, pela oportunidade da convivência, ensinamentos e aprendizado, principalmente a meu pai e meus avós, que já partiram desta vida, deixando memórias vivas afetivas e saudosas.

Estudar para mim tem um significado valorativo que representa abertura para a vida e para o outro. É por meio do conhecimento que compreendo melhor a minha própria existência, saindo da cegueira para compreender a vida e as pessoas de outra forma e sem julgamento. Por isto, agradeço a todos os teóricos, escritores e pesquisadores que trilham o caminho da pesquisa como fonte de desbravar e ajudar a humanidade, deixando seu legado. Serei eternamente grata a Viktor Emil Frankl que, mesmo diante do sofrimento, sempre destacou e elevou o potencial humano como forma de transcendência, despertando em mim o meu melhor, para que eu possa fazer o mesmo pelas pessoas. Encontrando sentido em minha vida, pude compreender o valor da vida por meio do sentido do servir.

RESUMO

O envelhecimento, enquanto condição natural humana, pode ser compreendido e vivido de formas diferentes, a depender de como cada pessoa lida com as mudanças fisiológicas, psíquicas e sociais no decorrer da vida. O objetivo desta dissertação é compreender o envelhecimento com sentido e sua possível associação com a forma como o idoso se relaciona com sua família. Tem como objetivos específicos: conhecer quais características existenciais do idoso colaboram para suas relações familiares; caracterizar o envelhecimento com sentido e identificar se a Logoterapia e Análise Existencial contribui para o entendimento do envelhecimento com sentido. A metodologia utilizada para esta pesquisa foi a revisão bibliográfica na vertente filosófica com análise de texto, no método hermenêutico, cuja proposta é mediar a compreensão e os significados. As evidências dos resultados revelaram a importância da família na vida das pessoas, independente da sua configuração familiar, bem como, o afeto e a forma de acolher e se relacionar como possíveis colaboradores para o bem-estar físico e psíquico, contribuindo para que haja um envelhecimento com sentido, porém, não determinam, devido a liberdade e responsabilidade da dimensão noética. A forma como o idoso se relaciona com a família está correlacionada com seus princípios, valores desenvolvidos desde a infância, as vivências e experiências afetivas, que orientam diante as escolhas e decisões, e nesta certeza, ele é capaz de responder e se posicionar na vida.

Palavras-chave: envelhecimento, sentido da vida, família e relações, liberdade, autotranscendência.

ABSTRACT

Aging, as a natural human condition, can be understood and experienced in different ways, depending on how each person deals with the physiological, psychological, and social changes during life. The objective of this dissertation is to understand meaningful aging and its possible association with the way the elderly person relates to his/her family. Its specific objectives are: to know which existential characteristics of the elderly collaborate to their family relationships; to characterize meaningful aging and identify if Logotherapy and Existential Analysis contribute to their understanding of meaningful aging. The methodology used for this research was a bibliographic review in the philosophical approach with text analysis, in the hermeneutic method, whose proposal is to mediate understanding and meanings. The evidences of the results demonstrated brought the importance of the family in people's lives, regardless of their family configuration, as well as affection and the way of having him/her in this family and relating as possible collaborators for the physical and psychic well-being, contributing to a meaningful aging, but not determining, due to the freedom and responsibility of the noetic dimension. The way the elderly person relates to the family is correlated to his/her principles and values developed since childhood, the affective experiences, which guide choices and decisions, and in this certainty, he/she is capable of responding and positioning him/herself.

Keywords: aging, meaning of life, family and relationships, freedom, self-transcendence.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	Erro! Indicador não definido.
2	SENTIDO DA VIDA E QUESTÕES EXISTENCIAIS	Erro! Indicador não definido.
2.1	FUNDAMENTOS DA ANÁLISE EXISTENCIAL .	Erro! Indicador não definido.
2.2	APORTES DO EXISTENCIALISMO PARA A LOGOTERAPIA .	Erro! Indicador não definido.
2.3	SENTIDO DA VIDA E OS PILARES DA LOGOTERAPIA ..	Erro! Indicador não definido.
2.3.1	Liberdade da Vontade	Erro! Indicador não definido.
2.3.2	Vontade de Sentido	Erro! Indicador não definido.
2.3.3	Sentido da vida	Erro! Indicador não definido.
2.3.4	Conflitos Existenciais e o Sentido da Vida	Erro! Indicador não definido.
3	ENVELHECIMENTO COMO EXPERIÊNCIA EXISTENCIAL	Erro! Indicador não definido.
3.1	FASES DO ENVELHECER E ASPECTOS EMOCIONAIS NO CICLO VITAL	Erro! Indicador não definido.
3.2	ENVELHECIMENTO SAUDÁVEL E NÃO SAUDÁVEL	Erro! Indicador não definido.
3.3	ENVELHECIMENTO: RELAÇÃO COM A FINITUDE E SENTIDO DA VIDA	Erro! Indicador não definido.
4	ENVELHECIMENTO E RELAÇÕES FAMILIARES	Erro! Indicador não definido.
4.1	CONFIGURAÇÕES FAMILIARES E VALORES ÉTICOS NAS RELAÇÕES FAMILIARES	Erro! Indicador não definido.
4.2	FAMÍLIA E SUAS PECULIARIDADES	Erro! Indicador não definido.
5	MÉTODO.....	Erro! Indicador não definido.
5.1	METODOLOGIA.....	Erro! Indicador não definido.

5.2 PROCEDIMENTOS.....	Erro! Indicador não definido.
5.3 FONTE DE PESQUISA.....	Erro! Indicador não definido.
5.4 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	65
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	Erro! Indicador não definido.
REFERÊNCIAS.....	Erro! Indicador não definido.

1 INTRODUÇÃO

O envelhecimento no Brasil avança de maneira perceptível. Pesquisas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, de 2016 e 2018, apontam para o rápido envelhecimento no Brasil. A pesquisa de 2016, registrou que entre 2012 e 2016, houve um crescimento de 16,0% na população de pessoas com 60 anos ou mais, sendo o percentual maior em mulheres do que nos homens. Já a pesquisa de 2018 traça um panorama brasileiro com aumento da população no norte, nordeste e centro-oeste e redução no sul e sudeste do País, impactando de forma geral que a população do Brasil chegará a 233,2 milhões de pessoas até 2047, havendo redução nos anos seguintes, chegando a 228,3 milhões em 2060. Isto se deve à redução do nascimento de crianças e ao aumento do número de pessoas com 65 anos ou mais, estimando que em 2060, a população será de 58,2 milhões de idosos, equivalente a 25% da população geral. (IBGE, 2016, 2018).

O aumento da longevidade interfere tanto nas questões socioeconômicas como, também, reduz sensivelmente a produção de atividades laborais, devido à aposentadoria e ao surgimento de doenças, o que limita o desempenho do idoso. Obstante, na velhice percebe-se aumento da vulnerabilidade da saúde, natural da própria idade, modificando hábitos e a necessidade de novas buscas de atividades no cotidiano, como, igualmente, de maior amparo e proteção.

Em 2003, no Brasil, foi criado o Estatuto do Idoso amparado pela Constituição Federal de 1988 (art. 229), concomitantemente à proteção de outros seguimentos específicos e/ou vulneráveis da sociedade, como a criança e o adolescente, o índio (art. 215, § 1º), o afro-brasileiro (art. 215, § 2º), com proteção a instituições jurídicas e especificamente a família, com o objetivo de garantir direitos no âmbito jurídico e social. Foram criadas normas e regras de cunho legal para idosos acima de 60 anos, dando-lhes condições e prioridades específicas para facilitar sua dinâmica no dia a dia, principalmente para melhorar sua articulação social e resolução de problemas. Estas condições puderam ampliar o olhar da família e da sociedade para o idoso e, mediante suas necessidades, dar a ele o devido reconhecimento e valorização no quesito cidadão e na qualidade de vida, preparando de certa forma a sociedade para lidar com o envelhecimento e seu crescimento.

Em se tratando do crescimento da população de idosos no Brasil, é fundamental compreender os diferentes aspectos relacionados à cultura e hábitos das diferentes regiões do País; questões políticas de amparo ao idoso, moradia; nível socioeconômico, além das características familiares. É preciso considerar as diversas configurações familiares e como as relações se estabelecem durante o envelhecimento. Para Pinheiro (2017, p. 269), “Cada indivíduo envelhece de maneira diferenciada na singularidade de suas condições genéticas, ambientais, familiares, sociais, educacionais, históricas e culturais”.

A família pode ser vista como um eixo estratégico a partir de como se organizam a socialização e a sobrevivência no dia a dia, sendo um recurso pessoal para a pessoa e para a sociedade (PETRINI; ALCÂNTARA, 2015). Já “as relações familiares na contemporaneidade significam em primeiro lugar os vínculos entre o casal e, num segundo momento, as relações entre os pais e filhos” (PETRINI; DIAS, 2016, p. 19). Assim, envelhecer com sentido poderá seguir um curso natural a partir das experiências e do vínculo familiar estabelecido na convivência, independente da configuração familiar.

A partir deste pressuposto e das experiências como psicóloga clínica, deduzo que o envelhecer pode ser um processo tranquilo para algumas pessoas, mas, também, doloroso para outras, principalmente quando as limitações físicas interferem na qualidade de vida mediante o surgimento de doenças crônicas e severas, como, igualmente, as debilitações da própria idade podem provocar transformações em várias áreas do cotidiano da pessoa no campo profissional, social e familiar, desenvolvendo sentimentos e sensações de incapacidade, inutilidade e de inadequação. Estas sensações podem gerar reações e comportamentos oriundos da insatisfação como a impaciência, a intolerância, a irritabilidade, e podem evidenciar transtornos como a ansiedade e a depressão, necessitando de atenção e apoio familiar.

Dois aspectos importantes desta pesquisa nos levaram a repensar questões de cunho existencial, familiar e o envelhecimento com sentido:

- 1) estatística realizada pelo IBGE no período de 2016 a 2018 referente ao aumento de 58,2 milhões de idosos no Brasil até 2060 e projeção da redução de nascimento de crianças;

2) surgimento de novas configurações familiares nos últimos anos e a forma de se relacionar com o idoso.

As questões anteriores nos levaram ao seguinte questionamento: é possível associar o envelhecimento com sentido à forma como o idoso se relaciona com sua família?

A partir do exposto, esta pesquisa teve como objetivo geral compreender o envelhecimento com sentido e sua possível associação com a forma como o idoso se relaciona com sua família. Os objetivos específicos foram: conhecer quais características existenciais do idoso colaboram para suas relações familiares; caracterizar o envelhecimento com sentido e identificar se a Logoterapia e Análise Existencial contribui para o entendimento do envelhecimento com sentido.

Para alcançar estes objetivos, foi realizada uma Revisão de Literatura na vertente filosófica com análise de texto e no método hermenêutico que vai além da interpretação, mas com o propósito de mediar a linguagem e seus significados para melhor compreensão (AMARAL FILHO, 2009 apud DUARTE, 2017). Com base no tema proposto, a pesquisa foi estruturada em seis capítulos com alinhamento sequencial e coerente, integrando conceitos de vários teóricos com o intuito de responder à pergunta inicial.

O primeiro capítulo denominado de introdução apresenta um panorama geral sobre este estudo, partindo de duas pesquisas do IBGE que nos provoca refletir sobre o aumento do envelhecimento no Brasil e a condição atual e futura do idoso. A pergunta de investigação, o objetivo geral e específico e a justificativa aí postos deram o direcionamento para esta pesquisa.

O segundo capítulo contempla o sentido da vida e questões existenciais. Traça um breve histórico da vida e obra de Viktor Emil Frankl; os fundamentos da análise existencial com base filosófica, antropológica e fenomenológica; os aportes do existencialismo; os pilares que fundamentam a Logoterapia (Liberdade da Vontade; Vontade de Sentido e Sentido da Vida); os conflitos existenciais e o sentido da vida que tende a responder questões pertinentes à condição humana em se posicionar na vida independente da idade, devido às características existenciais que podem colaborar para as relações familiares.

O terceiro capítulo denominado envelhecimento como experiência existencial, trata dos fundamentos da natureza humana em três subtópicos: fases do envelhecer e aspectos emocionais no ciclo vital; envelhecimento saudável e não saudável; e

envelhecimento, relação com a finitude e sentido da vida. Este capítulo tem como proposta apresentar o processo do envelhecimento no ciclo vital e os aspectos emocionais e psíquicos e comportamentais do idoso. O envelhecimento saudável ou não saudável abarca a subjetividade e significados na velhice; e o envelhecimento, e a relação com a finitude e sentido da vida, traz questões relativas às buscas mais significativas como aproximação do divino e o fortalecimento da fé, por meio da religiosidade, dando mais leveza aos problemas da vida mediante a fluidez do tempo. Pensamentos, sensações e sentimentos buscam se adaptar à nova realidade de acordo como cada cultura compreende e reconhece a velhice.

O quarto capítulo está voltado para o envelhecimento e as relações familiares, visando compreender como as configurações familiares e os valores éticos podem influenciar nas relações familiares e no processo do envelhecimento individualizado.

O quinto capítulo apresenta a trajetória metodológica desta pesquisa, realizada por meio de revisão de literatura, numa concepção filosófica, norteada pela análise de texto através do método hermenêutico, assim como etapas e procedimentos informando as fontes de informações utilizadas.

O sexto e último capítulo denominado de considerações finais, enquanto fechamento dos resultados obtidos, compreende a contribuição da família para o envelhecimento com sentido, mas dissocia a responsabilidade da família a partir da liberdade e responsabilidade do ser humano ante suas escolhas.

A sequência de forma sistemática dos capítulos possibilitou o entendimento do eixo norteador desta pesquisa, que juntamente com arcabouço dos fundamentos da Logoterapia e Análise Existencial possibilitou a compreensão das buscas existenciais humanas a partir da liberdade e responsabilidade, que orienta o homem como um farol, capaz de iluminar e direcionar suas escolhas, independentemente da idade. A convivência familiar pode agregar valores e sentimentos diversos que são desenvolvidos ao longo da vida, mas não pode ser responsabilizada pelos sucessos ou fracassos de uma pessoa, por causa da sua condição antropológica existente que possibilita o autodistanciamento capaz de ampliar seu olhar sobre si mesmo e a situação em que se encontra, aguçar a reflexão e, conseqüentemente, a autotranscendência, que possibilita tomada de novas atitudes (FRANKL, 2011).

2 SENTIDO DA VIDA E QUESTÕES EXISTENCIAIS

Vários autores estudaram questões existenciais e a busca pelo sentido da vida, dentre eles Viktor Emil Frankl. Farei um breve relato de sua vida e obra já que nos deixou um grande legado de 32 livros, traduzidos em 27 idiomas, inclusive em japonês e mandarim. Foi premiado e reconhecido em vários países de todo o mundo, pela coerência dos conceitos que fundamentam a Logoterapia, sua vivência e prática clínicas.

Viktor Emil Frankl nasceu em 1905, em Viena, filho de Elsa Lion e Gabriel Frankl, era o segundo de três filhos: Walter August o mais velho e Stella Josefine a mais nova. Vivenciaram momentos difíceis no período da Primeira Guerra Mundial, tiveram que pedir pão nas fazendas e até roubar milho no campo. Interessou-se pelos filósofos naturalistas, frequentou as aulas de Psicologia aplicada na Universidade Popular e também da Psicologia experimental, entrou em contato com Sigmund Freud (1856-1939) e a Psicanálise. Ao concluir o segundo grau escreveu “*A Psicologia do Pensamento Filosófico*” (Um estudo sobre o sentido psicanalítico de Arthur Schopenhauer), publicado no jornal ‘*Der Tag*’, na coluna reservada aos jovens. No ano seguinte, Frankl entra para o curso de medicina e torna-se líder dos estudantes socialistas.

Por um desejo de Freud, Viktor Frankl publica, em 1924, um ensaio com o título “On the mimic movements of affirmation and negation”, seu artigo foi publicado na “*International Journal of Psychoanalysis*”. Frankl estuda medicina e atua como orador na *Austrian Socialist High School Students Association*. Um ano depois, Viktor Frankl se encontra pessoalmente com Sigmund Freud, mas sente-se influenciado pelas ideias de Alfred Adler (1870-1937), fundador da Psicologia Social, onde passa a fazer parte do grupo, mas ao ler o livro de Max Scheler (1874-1928), “*O formalismo na ética e a ética material dos valores*”, passa a se entusiasmar pelas ideias de Scheler. Logo depois, é expulso da sociedade adleriana, causando-lhe grande surpresa. A filha de Adler (Alexandra) e outras pessoas influentes continuam ligadas a ele.

Em 1926, Frankl passa a ministrar palestras públicas e a participar de congressos, iniciando, assim, a elaboração dos conceitos da Logoterapia e, com apoio de alguns psicólogos, organizou, em Viena e em mais seis cidades circunvizinhas, *Centros de Aconselhamento Juvenil*, para atender gratuitamente jovens com

dificuldades emocionais. Em 1930 organizou uma ação de prevenção ao suicídio, cujo índice estava altíssimo entre os estudantes, resultando zero caso no final do ano. Este sucesso teve uma repercussão muito positiva no exterior. Para Frankl já era claro a presença do vazio e as frustrações existenciais devido à falta de sentido.

Criou o primeiro curso sobre Higiene Psíquica, na Universidade Popular, e antes de concluir os seus estudos começou a trabalhar na repartição de Psicoterapia do Hospital Universitário, sob a supervisão de Pötzl. Ao concluir o curso de medicina, segue trabalhando na Clínica Neurológica Am Rosenhügel e, ao final da formação, em 1932, inicia seu trabalho no Hospital Maria Theresien Schlosl de Viena. No ano seguinte, obtém a direção do “*Pavilhão dos suicidas*”, no hospital psiquiátrico de Viena Am Steinhof, conseguindo acompanhar quase 3.000 pacientes. Frankl especializou-se em neurologia e psiquiatria e passou a atuar em consultório particular. Em 1939, no seu artigo “Philosophy and Psychotherapy - on the foundation of an existential analysis”, publicado na Folha central para psicoterapia e suas áreas de fronteira, Frankl utiliza a expressão “Existencial Analysis e a Logoterapia” de forma clara e bem articulada.

Com a entrada de Hitler na Áustria, iniciaram-se as restrições aos judeus e, embora Frankl tivesse o visto para residir nos EUA, preferiu ficar com os pais idosos após uma experiência de fé vivenciada, compreendendo como um chamado a sua missão de seguir com os pais e sua esposa Tilly para o campo de concentração. Já na direção do setor de neurologia de Rothschildspital, Frankl sabotou o programa de eutanásia autorizado pelos nazistas, elaborando falsos diagnósticos nas perícias médicas, colocando sua vida em perigo. Publica nessa época alguns artigos em jornais semanais da Suíça e começa a primeira edição do livro “Cuidado Pastoral Médico”.

Em setembro de 1942, toda sua família foi para o campo de concentração de Theresienstadt, com exceção de sua irmã Stella que conseguiu se exilar na Austrália. Seu irmão Walter e a esposa Elza foram pegos na fronteira tentando fugir. Frankl e Tilly Grosser estavam casados há nove meses e ela estava grávida, sendo obrigada a interromper a gravidez, pois os judeus estavam proibidos de ter filhos. Anos depois, ele escreve um livro com o tema: *The unheard cry for meaning* (O não ouvido clama por significado).

Por dois anos ele trabalhou na fábrica de mica, material importante para munição, logo depois, foi transportado para Aushwitz, seguido da mulher que havia se

voluntariado. Lá ele foi obrigado a abandonar todos os seus pertences, inclusive o manuscrito de seu livro *Psicoterapia e Sentido da Vida*, costurado no forro do casaco, que se perdeu com os dados mais atuais, mas a primeira versão da cópia apareceu surpreendentemente depois da guerra. Em 23 de outubro, no mesmo campo de concentração, morre sua mãe e seu irmão na câmara de gás. Em seguida, Frankl é transferido para Kaufering III e depois para Terkheim (sucursal de Dachau).

Frankl passou por 30 meses, como prisioneiro, por quatro campos de concentração (Theresienstadt, Aushwitz, Kaufering III e Terkheim). Foi libertado em 27 de abril de 1945, pesando apenas 25 quilos. Seu número de identificação nos campos de concentração 119.104, ficou marcado para sempre, relatado em seus livros, o que ele denominou “o experimentum crucis”: a seleção ativa e passiva; a desinfecção; ir para o fio eletrificado, como forma de fugir do sofrimento, a apatia, a irritabilidade, o escárnio, a ausência de sentimentos, a fuga para dentro de si, o humor, a ânsia por solidão, a liberdade interior e muitos outros aspectos vividos.

Em 1946, conheceu a enfermeira Eleonore Katharina, no departamento de neurologia na Policlínica de Viena, e em dezembro de 1947 se casaram e tiveram uma filha Gabriele Frankl, casada com Franz Vesely, professor de Física na Universidade de Viena, tiveram dois filhos: Katharina e Alexander Batthyány que administram o *Viktor Frankl Institut für Logotherapie und Existenzanalyse* em Viena.

Frankl faleceu no dia 02 de setembro de 1997, com 92 anos de idade, após ter vivido uma vida plena de sentido. Doutorou-se em filosofia em 1948 pela Universidade de Viena com sua tese *Der unbewusste Gott* (O Deus inconsciente), foi premiado, homenageado, recebeu medalhas e o título de *Doctor Honoris Causa*, em vários países do mundo, viajou os cinco continentes para apresentar a Logoterapia, foi membro Honorário da Academia Austríaca de Ciências, da Sociedade de Neurologia e Psiquiatria da Áustria, da Guatemala e do Peru. Foi professor visitante das Universidades: de Harvard, de Cambridge, de Pittsburgh, de Dallas (Texas), da Internacional dos Estados Unidos da América (Califórnia) e da Universidade de Viena, sendo reconhecido como fundador da terceira escola de psicoterapia de Viena: a Logoterapia e Análise Existencial, teoria centrada no sentido.

Entretanto, para compreender o sentido da vida e as questões existenciais que emergem da própria condição humana, Viktor Frankl recorreu à análise existencial, integrou e relacionou a filosofia, a antropologia, a fenomenologia e a ontologia dimensional com sua vivência para fundamentar a Logoterapia, entendendo que

a Logoterapia é um método de tratamento psicoterápico, enquanto a análise existencial representa uma corrente antropológica de pesquisa. Como corrente de pesquisa, ela está aberta, e, em verdade em duas dimensões: ela está pronta para a cooperação com outras correntes e para evolução de si mesma (FRANKL, 2012, p. 55-56).

2.1 FUNDAMENTOS DA ANÁLISE EXISTENCIAL

Para compreender os fundamentos da análise existencial e o entendimento antropológico daquilo que é existência, é necessário entender que não se trata de um complemento à psicoterapia, mas enquanto base espiritual constitutiva da existência humana. Análise Existencial é uma expressão da Filosofia que busca compreender o modo de ser peculiar do ser humano, analisar as estruturas por meio das quais o ser se manifesta na existência no mundo e em relação com os outros, e perceber se a existência é vivida de forma autêntica ou inautêntica, com sentido ou sem sentido.

Por isto, compreende a existência humana e o sentido da vida como algo que está relacionado às atitudes e ações realizadas pelo ser humano, sendo o homem um ser integrado e responsável pelas suas escolhas. A liberdade de ação está atrelada a uma contínua tomada de decisões que o compromete e responsabiliza, possui uma visão de homem positiva capaz de se autorrealizar e transcender, devido as duas características antropológicas: o autodistanciamento que é a capacidade humana de distanciar de si mesmo para ampliar sua visão sobre algo ou o momento vivido, e a segunda a autotranscendência que é a capacidade humana de sair da condição de 'ser' para o 'dever-ser', ocorrendo uma noodinâmica ocasionada pela tensão que impulsiona as buscas humanas de ir além, própria da dimensão espiritual (FRANKL, 2011). De acordo com a

análise existencial, não há apenas uma dinâmica pulsional inconsciente, mas uma espiritualidade inconsciente; em outras palavras: nós não conhecemos nem reconhecemos apenas um inconsciente pulsional, mas um inconsciente espiritual (FRANKL, 2012, p. 56).

O conceito de inconsciente criado por Freud fala de um inconsciente instintivo, como um reservatório de instintividade reprimida. Já para Frankl (1988), o inconsciente possui tanto o instintivo, quanto o espiritual, sendo este último capaz de promover a transcendência. Embora o inconsciente espiritual possa ser consciente e inconsciente, esta transição ocorre de forma fluida, "no ato da repressão algo

consciente torna-se inconsciente e vice-versa” (FRANKL, 2010, p. 20). Portanto, a análise existencial descobriu dentro da espiritualidade o inconsciente espiritual do ser humano, como uma religiosidade inconsciente do sentido de um relacionamento inconsciente com Deus, uma relação com um transcendente imanente do ser humano, embora seja latente. O ‘inconsciente transcendente’ é a fé inconsciente da pessoa, uma ligação intencional, porém inconsciente na busca de Deus (FRANKL, 2010).

A análise existencial não se detém a uma análise da existência,

ela caracteriza e qualifica a essência da existência no sentido de que a existência é um modo de ser, e, em verdade, o ser humano, o ser que é especificamente próprio ao homem, o ser cujo modo de ser consiste no fato de que o que está em questão no homem não é um ser fático, mas um ser facultativo, não precisa-ser-dessa-vez-e-tal-modo-e-não-de-outro, que é o modo mas muito mais um sempre poder-vir-a-ser-de-outro-modo (FRANKL, 2012, p. 59).

A análise existencial explicita a existência, a pessoa em si mesma, no desdobramento do curso da vida, para a essência da pessoa. A ontologia explica de forma sistemática a complexidade e unicidade da pessoa humana. A análise existencial “não é apenas um complemento à psicoterapia, mas a base espiritual imprescindível” (FRANKL, 2012, p. 57).

Considerando-se os aspectos da Análise Existencial e da Logoterapia, percebe-se uma confluência que explica não só a existência pessoal, mas a terapia de neuroses coletivas; contribui para a assistência psíquica médica; para a terapia específica de neuroses noogênicas¹ e para a terapia não específica (FRANKL, 2012).

Citando rapidamente as raízes do existencialismo, podemos contemplar contribuições relevantes para a Logoterapia, de grandes filósofos do século XX, como Franz Clemens Honoratus Brentano, Soren Aabye Kierkegaard, Edmund Husserl, Ludwing Binswanger, Nicolai Hartmann, Martin Heidegger, Karl Jaspers, Max Scheler e Martin Buber, entre outros, para compreender o campo da ciência dos fenômenos psíquicos compreendido como processos da consciência aplicáveis na Psicologia, como também, conceitos como a intencionalidade, autenticidade, experiências sensoriais captadas pelos sentidos, ser de relação, ampliam o conhecimento e a compreensão do comportamento humano e na formação de novas teorias como a

¹ Neuroses Noogênicas – Está no âmbito da dimensão noética, numa instância de um problema espiritual, um conflito moral ou uma crise existencial.

psicanálise, a psicologia da Gestalt e a psicologia cognitiva-fenomenológica e existencialistas (RAMON, 2006).

“A análise existencial é uma análise sobre a existência humana e não uma análise da existência, porque a existência, em si mesma, não pode ser analisada” (HERRERA, 2007, p. 266). Ela determina que a existência é um modo específico de SER do humano, não um ser fáctico,² mas um ser facultativo que pode vir-a-ser de outro modo, ir além e se transcender. Após termos visto em que consiste a análise existencial e sua importância para a Logoterapia, vamos agora apresentar algumas influências filosóficas mais relevantes em Viktor Frankl para a construção da Logoterapia, como será o existencialismo e a fenomenologia.

2.2 APORTES DO EXISTENCIALISMO PARA A LOGOTERAPIA

Frankl se inspira no existencialismo³ devido às questões essencialmente humanas como a morte, a culpa, o sofrimento, a liberdade, a solidão, a sensação de vazio e o sentido da vida (KROEFF, 2014). Assim, vários filósofos existencialistas desenharam caminhos, cujos pensamentos embora fossem próximos, mas distintos, contribuíram para a formulação de conceitos que serviram de base para fundamentar diversas áreas da ciência como: a Psicologia, a Teologia, a Logoterapia e outros, tanto na área da saúde, quanto da educação atrelados à existência humana.

Uma das maiores influências para Viktor Frankl se deu em 1927, ao ler o livro de Max Scheler *“Der Formalismus in der Ethik und die materiale Wertethik”*, cuja tradução *“O formalismo na ética e a ética material dos valores”*, devido à aproximação de suas ideias na compreensão do ‘ser pessoa’, integrando alguns conceitos na fundamentação da Logoterapia e Análise Existencial.

Max Ferdinand Scheler (1874-1928), médico judeu, alemão, sociólogo, filósofo, desenvolveu métodos da fenomenologia e temas relacionados à ética e à antropologia filosófica, contribuindo com a hierarquia dos valores. Tinha vasto conhecimento em

² Ser fáctico – Corresponde a uma condição pré-determinada (facticidade determinista) como a dimensão do psicofísico no plano orgânico.

³ Existencialismo como uma condição essencialmente humana em que o homem só é livre quando é responsável, como forma de uma realização de um sentido concreto, determinado pela unicidade de cada pessoa em particular, enquanto existência e por sua peculiaridade enquanto essência.

várias áreas, suas obras perpassavam o campo da biologia, da psicologia, da sociologia, da teoria do conhecimento, da metafísica e da filosofia da religião, contribuindo para o estudo psicológico da alteridade, definindo sua visão de mundo nas seguintes obras: “*A posição do homem no cosmos*”; “*A Filosofia dos valores*”; “*Do eterno no homem*”; “*Da Reviravolta dos valores: ensaios e artigos*”; “*O Personalismo Ético*”; “*L'homme du ressentimento*” e outros. Scheler tinha um temperamento combativo e ardente, era questionador, vivia intensamente, buscava sempre o lado oculto das coisas e as aspirações humanas, o sentido da vida e o lugar do homem no mundo, para ele, a vida e a razão eram inseparáveis. Tinha uma linha de pensamento da existência humana de forma clara e sistematizada com base na hierarquia dos valores, na ontologia dimensional, na epistemologia e na psicologia, chamando atenção inclusive do papa João Paulo II, que viu a possibilidade de construir uma ética cristã com base nos pensamentos de Scheler (MATHEUS, 2002).

Max Scheler (2003) expressa sua ética dos valores na obra “*Fenomenologia Material dos Valores*”, fundamentada pela antropologia filosófica e na fenomenologia existencial. Reconhece o homem como um ser espiritual capaz de transcender e reconfigurar sua própria realidade, no “aqui e agora” como uma organização pessoal. Scheler se interessa,

[...] pela descrição das dimensões, a priori materiais do pensamento, as primeiras, se referem às intuições cognitivas de caráter emocional, e as segundas, às bases sócio-culturais do conhecimento, desde os graus das vivências a posteriori a nível vital, emocional e comunitário. Para Scheler, toda racionalização se enraíza no chão da materialidade sensível, vital, emocional e sócio-cultural (GOMES, 2016, p. 2).

Com base nesta visão antropológica de Max Scheler (1913), Viktor Frankl (1969) amplia e integra na Logoterapia a antropologia, a filosofia, a fenomenologia e a ontologia tridimensional na existência humana entendendo o ser como um ser Bio-psico-espiritual e social entendendo a unicidade na diversidade. A partir das duas características antropológica (autodistanciamento e autotranscendência), é que o ser humano é capaz de se transformar, independentemente da idade, mesmo na velhice. Ações altruístas podem colaborar para um envelhecimento com sentido, favorecendo as relações de forma ampla, principalmente na família.

Para Max Scheler (2012), em sua obra “*Da reviravolta dos valores*”, dois textos importantes como “*A reabilitação do conceito de virtude*” e “*O ressentimento na construção das morais*”, o autor destaca aspectos significativos como a virtude, o amor

cristão, a humildade, o orgulho, a tradição, o ressentimento, ódio, cobiça e o humanismo moderno, sempre atuais em qualquer momento da vida, seja nas relações sociais, amorosa ou de ordem familiar, as escolhas pessoais podem ser de forma positiva como negativa.

Em se tratando de valores nas fases singulares, genéricas e individuais da vida (infância, juventude, maturidade e velhice) corresponde agora um importante aspecto: apenas o aumento de valor de uma fase em relação às outras coloca-se na consciência que concebe valores: assim, nenhuma fase possui seu específico valor próprio e seu sentido particular. As ideias de “evolução” e “involução” não são mais ou menos justificadas encontradas (já anteriormente quando foram encontradas) empiricamente junto às fases da vida vistas e contatadas em seu conteúdo próprio. Ao contrário, elas se tonam formas da seleção da mesma-alheia-apreensão da história (SCHELER, 2012, p.61).

Pereira (2017) ressalta a influência de Max Scheler na proposta frankliana como um grande salto na inteligência prática, da capacidade de autoconsciência, possibilitando ao homem a possibilidade de objetivação e da própria realidade devido a constituição biopsíquica. A dimensão espiritual está tanto para a racionalidade, quanto para a lógica, capaz de sentir o emocional dos valores, rompendo, assim, com a necessidade natural biopsíquica para nascer o homem livre que anseia por valores de acordo com cada situação concreta e o sentido existencial. Frankl considera e afirma que espírito é só aquilo que é livre no homem. A liberdade que possibilita a autotranscendência “diante de algo” própria da capacidade humana que dialoga com os seguintes aspectos antropológicos: “os instintos e o caráter (destino psíquico); a hereditariedade e o corpo (destino biológico); e o meio ambiente físico e social (destino sociológico), em que a liberdade pessoal é exercida em cada um desses âmbitos de facticidade” (PEREIRA, 2017, p. 260).

Portanto, o homem em sua condição antropológica poderá exercer o binômio espiritual coexistente no homem, a ‘liberdade e a responsabilidade’, e se posicionar em todas as situações e fases da vida, dentro da realidade em que vive, diante dos valores e da vontade de sentido. O adoecimento poderá surgir diante dificuldades inerentes à vida, principalmente diante da insegurança e dos medos, devido a repressão da liberdade e da responsabilidade, limitando, assim, as escolhas e atitudes.

Para Karl Theodor Jaspers (1883-1996), psiquiatra alemão, filósofo e professor, o tratamento clínico psicológico e psiquiátrico poderá contribuir para o paciente, desde

que o profissional esteja aberto para captar e compreender o fenômeno dos acontecimentos e proporcionar ao paciente o encontro consigo mesmo e com a realidade. Jaspers conseguiu alinhar conhecimentos da medicina, da teologia e da filosofia na prática clínica, por meio de questionamentos existenciais concretos do ser, como: quem eu sou, o que espero da vida e suas buscas, além de ampliar a compreensão de si e de suas escolhas como forma de viver, favorece ao paciente percepções reveladoras, possibilitando a transcendência do ser devido a sua visão de homem integrado e único, devido a própria condição existencial “EM SI” e que a crise é criada por nós mesmos e que o esforço leva ao processo esmagador da consciência” (HERRERA, 2007, p. 105). Assim, é possível compreender a função da somatização: “a enfermidade psicossomática se define como desencadeadora desde o anímico e se contrapõe aos sofrimentos psicogênicos que estão condicionados e causados animicamente” (HERRERA, 2007, p. 305).

Karl Jaspers (1931) publicou “*Psicopatologia Geral*” e “*A Situação Espiritual do Nosso Tempo*”; em 1932, temas relativos à Filosofia e em 1953 a ‘*Introdução e Contribuições para a Psicologia*’, apresentando o método descritivo-compreensivo, contribuindo imensamente para identificação, classificação e compreensão das psicopatologias. Seus métodos nos atendimentos com os pacientes alinhavam ao pensamento de Frankl, enquanto colegas de profissão compreendiam a fenomenologia como uma metodologia fundamental no processo psicoterápico.

Nesta perspectiva, Karl Jaspers compreende a fenomenologia como um método no tratamento da psicopatologia, como o paciente se apresenta e compartilha sua experiência positiva ou negativa, dialoga de forma alternada: ora com o adoecimento, ora com o aprendizado e qualidade de vida.

A Logoterapia reconhece e integra esta metodologia, compreende as diferenças das dimensões somática, psíquica e noética, sendo esta última, a dimensão existencial ontológica distinta da somática e psíquica, por isto, ela é emparedada e não adocece (HERRERA, 2007).

A Análise Existencial e a logoterapia são aspectos de uma mesma realidade. A Análise Existencial possui referência direta ao que denominamos método de análise antropológica. A Logoterapia é a implementação prática da análise existencial (HERRERA, 2007, p. 264).

Conceitos criados por outro pensador como Ludwig Binswanger (1881-1966), médico psiquiatra suíço, criador da Psicopatologia Fenomenológica, contribuiu de forma significativa para a fundamentação da Logoterapia frankliana, por adotar a fenomenologia na prática humanística existencial. A Psicologia Fenomenológica-Existencial foi desenvolvida a partir do pressuposto de Binswanger que, em 1930, criou a “Escola de Psicanálise Existencial ou Ontoanálises denominado de Daseinsanalyse, cujas raízes remontam ao Dasein Analítico de Martin Heidegger, que explica a estrutura da existência humana como a Dasein, o ser-no-mundo (Da, em alemão) quer dizer *SER AÍ; SER QUE DECIDE SER*” (HERRERA, 2007, p. 91).

Binswanger e Frankl entendem o fenômeno de como se dá a própria existência humana e como é capaz de proporcionar ao ser humano uma condição de (vir-a-ser), independente da sua idade cronológica ou seja, mesmo na fase do envelhecimento, fazer escolhas totalmente diferente, por causa da liberdade e da responsabilidade, extraindo do *SER ÔNTICO*, a condição unicamente humana para o *SER PESSOA*, transformando sua cosmovisão sobre si mesmo e ao seu entorno.

Podemos considerar o *Dasein* como uma condição humana em que cada pessoa se revela em cada situação e relação, seja familiar, profissional ou social, a pessoa poderá vivenciar angústia diante da ansiedade do por vir. Na velhice estes aspectos poderão ocorrer ou não, a depender da cosmovisão e suas experiências vividas, levando ao adoecimento ou não.

Para Viktor Frankl,

o Humor e heroísmo constituem nossas capacidades unicamente humanas de autodistanciamento. Em virtude deste, o homem é capaz de distanciar-se não apenas de uma situação, mas de si mesmo. Ele é capaz de escolher uma atitude com respeito a si mesmo e, assim fazendo, consegue tomar posição, colocar-se diante de seus condicionantes psíquicos e biológicos (FRANKL, 2011, p. 27).

Diante desta condição antropológica e ontológica, mesmo diante da velhice, a pessoa possui a capacidade de responder assumindo, assim, sua condição de liberdade, devido à dimensão espiritual/noética (origem do grego *nous*: espírito), estudada por várias correntes filosóficas. Considerada como a essência humana que não adoce devido suas características. Reconhecendo o homem enquanto um ser único, irrepetível, inigualável e indivisível.

A relação face a face, para o idoso, possui um critério valorativo que confirma o significado do existir, a partir da relação do “EU e o TU”. A Logoterapia não só

reconhece, como amplia esta visão por meio do “logos” ou seja o “sentido”, que integra a dialética do EU e TU, como um grande encontro, possibilitando a vinculação nas relações familiares, com amigos, colegas de trabalho, vizinhos e outros, integrando o sentimento de pertencimento, evitando, assim, o sentimento da coisificação coexistente na relação (EU-ISSO).

Para compreender a forma do humano se relacionar, é preciso entender primeiramente a complexidade humana e a unidade na multiplicidade das dimensões ontológicas (Biopsicoespiritual e social) e suas influências. Para Nicolai Hartmann (1882-1950), filósofo germano-báltico, considerado um dos principais representantes do realismo crítico e um dos mais importantes metafísicos do século XX, criador da teoria dos estratos, cujos estratos atuam de forma integrada e hierárquica: 1º) físico; 2º) orgânico; 3º) anímico e 4º) espírito. Frankl concorda com Hartmann quando ele diz que

o mundo real tem unidade, mas não de um princípio, senão de um ordenamento. Há unidade sobre e no mundo, porém esta unidade surge em um plano superior, por assim decidi-lo, em um plano mais elevado ante a busca da ‘necessidade metafísica’ de unidade (HERRERA, 2007, p. 100).

Para Frankl (1969), os conceitos de ontologia de Nicolai Hartmann foram importantíssimos para compreensão da existência humana a partir das dimensões ontológicas (Bio-psico-espiritual), embora fossem no formato hierárquico da estratificação, mas quando Max Scheler apresentou as dimensões ontológicas em outro formato, não hierárquica, mas em camadas distintas e integradas, associando os valores como a criatividade, a atitude e a vivência, como forma capaz de transitar e transformar o ser humano, Frankl se encantou e agregou estes conceitos na formação da teoria frankliana além da Análise Existencial e como forma de demonstração, utilizou figuras geométricas para explicar a existência humana e sua complexidade e poder comprovar cientificamente sua tese.

Para fundamentação da teoria frankliana, foram imprescindíveis a contribuição de Nicolai Hartmann e a antropologia filosófica e axiológica de Max Scheler, sendo denominada por Frankl de ontologia dimensional e a Antropologia Dimensional juntamente com os pilares da análise existencial e da aplicação prática da Logoterapia (HERRERA, 2007).

Partindo do princípio que a Logoterapia foi elaborada não somente a partir da visão de mundo e da vivência de Viktor Frankl, mas também, das contribuições dos

conceitos filosóficos existenciais, da antropologia, da ontologia dimensional e da fenomenologia encontrada nos fundamentos de Nicolai Hartmann, Max Scheler, Karl Jaspers, Ludwig Binswanger, e outros com base na análise existencial que explica as buscas existenciais humanas e o sentido em cada situação ou momento do ser-no-mundo. Os pilares da Logoterapia têm como objetivo alicerçar a teoria frankliana com base na liberdade da vontade; vontade de sentido e sentido da vida que, associado com os conceitos apresentados anteriormente, nos permite compreender a unicidade e complexidade humana.

2.3 SENTIDO DA VIDA E OS PILARES DA LOGOTERAPIA

O sentido da vida tem sido um tema recorrente desde o surgimento da humanidade, cujo interesse é desvendar a relação do humano e o mundo. A busca pelo sentido da vida pode estar relacionada desde aspectos distintos, como a filosofia e a religião, como diferentes formas de explicar a origem de tudo. Na Grécia antiga, surgiram grandes pensadores como Sócrates (469-347 a. C), que postulavam a razão como a principal característica humana; já Platão (427-347 a. C), discípulo de Sócrates, separou a alma e o corpo, afirmando que a razão se localizava na cabeça. Aristóteles (384-322 a.C.), discípulo de Platão, afirmava que a alma e o corpo não são dissociados, sistematizando a diferença entre a razão, a percepção e a sensação em sua obra “De anima”. Hipócrates (460-370 a.C.), considerado o “Pai da Medicina”, interessou-se pela fisiologia, suas funções e funcionamento normal do organismo vivo, que o cérebro controla diversos órgãos do corpo, abrindo a perspectiva biológica para a psicologia.

Estes postulados tinham como proposta a compreensão do homem e suas buscas diante da razão, inteligência, do corpo e da alma humana, enfim, focado na existência e gestando uma Teoria do Conhecimento de origem epistemológica, cujo objetivo é estudar a origem, a estrutura, os métodos e a validade do conhecimento, que dessem segurança e certeza ao modo lógico-racional do conhecer e como busca da verdade, entendida como aproximação ao logos (sentido).

Viktor Frankl (2011) compreendeu a psicanálise Freudiana diante da afirmativa do fundador que o homem possui a necessidade da busca pelo prazer, também identificou na Psicologia individual de Adler que o homem busca poder, não

conformado, por meio dos seus estudos, afirma que o homem busca o sentido através da Logoterapia e da Análise Existencial.

A expressão Logoterapia é formada por dois vocábulos: **Logos**, cuja origem é da filosofia existencial que significa sentido, oriundo do espírito da humanidade do ser e **Terapia**, significa cuidar ou tratar. Entende-se que estas duas características antropológicas existentes no homem são fundamentais no processo de transformação do indivíduo: o autodistanciamento e a autotranscendência, e a partir delas, Viktor Frankl formulou técnicas e métodos de intervenção para o tratamento do paciente (FRANKL, 2016).

Viktor Frankl, utilizou figuras geométricas, ou seja, concêntricas conforme demonstrado abaixo na figura 1 para explicar e comprovar cientificamente as diferenças ontológicas (biopsicoespiritual) a unidade juntamente com a multiplicidade como se organiza o ser humano.

a dimensão somática, a psíquica e a noética tornam-se ontologicamente diversas, porém antropológicamente inseparáveis, na medida em que a dimensão superior (a noética unifica e agrupa em torno do próprio núcleo a globalidade do ser homem (PETER, 1999, p. 38).

A *dimensão biológica ou somática*, representada pelo corpo humano em sua condição natural para sobrevivência, possui aspectos preponderantes como: comer, beber, dormir e o sexo, podendo ancorar patologias oriundas da dimensão psíquica. Já a *dimensão psíquica*, embora esteja integrada à biológica e a espiritual, possui aspectos e objetivos diferentes como: traços de personalidade, temperamento, caráter, responsável pela formação das crenças, pensamentos, quando negativos podem adoecer e influenciar a dimensão biológica, colaborando para o adoecimento devido a fatores condicionantes da repetição pelo fechamento da pessoa em si mesma e vivenciar a repetição do comportamento neurótico, causando transtornos severos. No entanto, a *dimensão espiritual/noética* não adoecer devido sua essência que é constitutiva: dons/doação, potencialidade, liberdade, responsabilidade, valores (criativos, de atitude e vivenciais), capaz de despertar da neurose psicogênica causada pelo psicofísico, mas quando esta *dimensão noética* não está em pleno funcionamento, a *neurose noogênica* poderá surgir devido a frustração e sensação do vazio existencial. “O núcleo da estrutura concêntrica dá ao homem a possibilidade de resistir, conformar-se, se superar diante dos impulsos que tendem a determinar e condicionar seu comportamento” (PETER, 1999, p. 40).

(Figura 01)

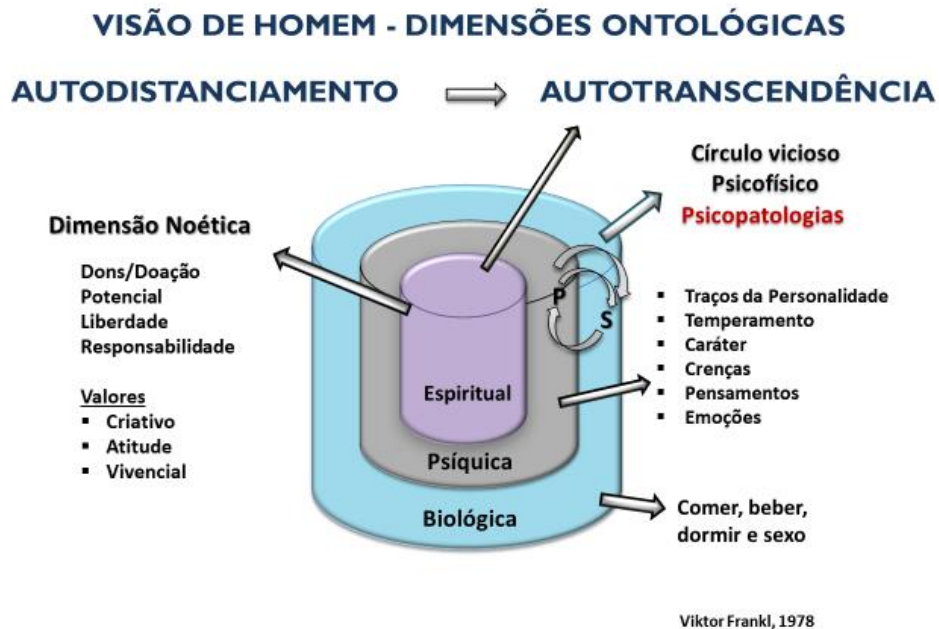


FIGURA 1

A elaboração dos fundamentos da Logoterapia tem como base a análise existencial e os três pilares que sustentam as buscas existenciais essencialmente humanas. 1º Pilar - **A liberdade da Vontade**, está direcionada para a liberdade de escolha, opondo-se ao princípio do determinismo, denominado por Frankl de pandeterminismo, que significa a liberdade da vontade humana como um ser finito; 2º Pilar – **A Vontade de Sentido**, que tem como propósito a necessidade do homem de ir além, de autotranscender e o 3º Pilar - **O Sentido da Vida**, que está relacionado com a subjetividade humana, possibilita abertura para a vida e proporciona o encontro com algo/alguém e o sentido. A formação da Logoteoria fundamenta a Logoterapia integrando os pilares, os valores constitutivos da dimensão noética que são os valores criativos, de atitude e vivenciais, a tríade trágica (sofrimento, culpa e morte) que ampliam a visão de homem de forma clara, com o objetivo em colaborar para o conhecimento e aplicabilidade na educação como na saúde conforme figura que segue (Figura 02).

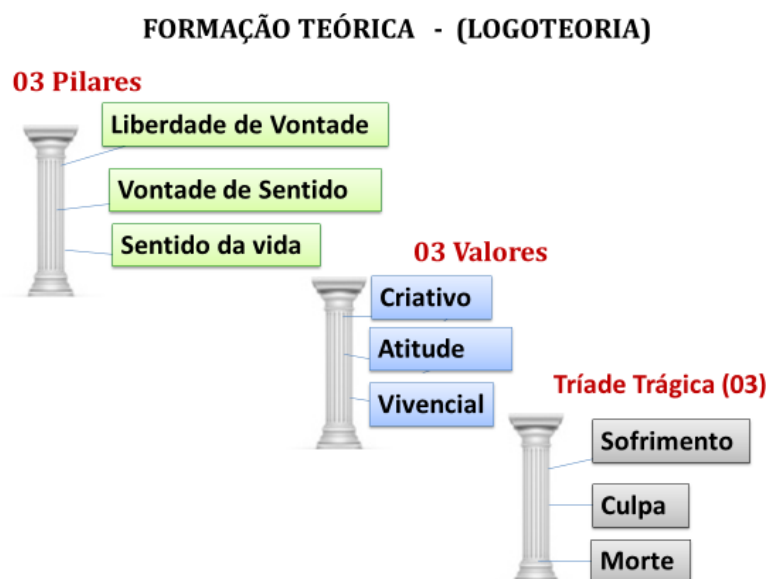


FIGURA 1

A partir da organização das concepções básicas teóricas da Logoterapia e Análise Existencial, Viktor Frankl conceituou as

dez teses da pessoa humana: 1) Que a pessoa é um indivíduo por ser uma unidade indivisível; 2) A pessoa não é somente um “in-dividuum”, mas também um summabile, não se pode dividir nem se agregar ou fundir com algo, por ser não só uma unidade, mas uma totalidade; 3) Cada pessoa é absolutamente um ser novo. A existência espiritual não se propaga de pai para filho; 4) A pessoa é espiritual: a função do organismo psicofísico é instrumental e expressiva; 5) A pessoa é existencial: não é um ser fático, senão facultativo, não se submete aos fatos, mas pode facultar; 6) A pessoa é yoica, não se acha na ditadura do ego, não é subordinada e nem impelida pelos impulsos devido a liberdade e responsabilidade da dimensão espiritual ou noético; 7) A pessoa não é somente unidade e totalidade em si mesma, mas oferece a unidade e a totalidade, por causa do antagonismo noopsíquico⁴; 8) A pessoa é dinâmica, pela sua capacidade de distanciar-se e afastar do psicofísico, permitindo a manifestação da dimensão noética para que ocorra o autodistanciamento, necessária para que a pessoa veja com clareza; 9) O animal não é pessoa, pois não é capaz de transcender-se e de enfrentar a si mesmo, ele não consegue compreender o mundo dos seres humanos; 10) A pessoa não compreende a si mesma, a não ser pelo ponto de vista da transcendência. Na medida que consegue

⁴ A capacidade de sobrepor-se aos condicionamentos psicofísicos, as adversidades, pelo de “resistência do espírito”, que capacita o homem a impor seu caráter humano de decisão e superação (FREITAS, 2016).

compreender desde a transcendência, escuta seu chamado através da consciência (FREITAS, 2017, p. 76).

Na Logoterapia o *Credo Psiquiátrico*: consiste em que a pessoa espiritual não adoece, ela pode se deixar perturbar, por ser emparedada pelo psicofísico por estarem integradas, mas são distintas. “A psicoterapia precisa partir do Antagonismo psiconoético” (FRANKL, 1974, p. 65).

O modelo dialético que ocorre nas dimensões biológica, psíquica e espiritual pode ser compreendido devido coexistência da unidade e o fenômeno da relação antagônica que acontece no paralelismo com o noopsíquico.

As relações funcionais entre as diferentes dimensões constitutivas do homem: enquanto as dimensões biológica e psicológica revelam uma continuidade operacional (paralelismo psicofísico), o espiritual tem a capacidade de fazer frente a esse paralelismo, nos termos de uma oposição em potencial (que Frankl batizou de “poder de obstinação do espírito (PEREIRA, 2017, p. 262).

Esta perspectiva teórica traz a compreensão que em qualquer ciclo da vida o indivíduo poderá despertar novas possibilidades e mudar seu comportamento diante da sua nova visão de mundo, embora, algumas vezes não são percebidas pelas pessoas que o rodeiam, inclusive a família em reconhecer e estimular atividades inovadoras, criativas para que a pessoa possa exercer a liberdade e a responsabilidade.

2.3.1 Liberdade da Vontade

A liberdade na perspectiva da Logoterapia possui características intrinsecamente humanas, e se opõe ao que ele denomina de pandeterminismo, condição limitada do ser humano em se posicionar frente a condicionantes, sejam eles quais forem (FRANKL, 1978).

A Liberdade da Vontade ou liberdade de escolha estão na mesma condição existencial relativa à Liberdade e à Responsabilidade por ser constitutivo da dimensão noética, assim como a doação, ou seja, à abertura para que haja o encontro, as potencialidades humanas que proporcionam o desenvolvimento das habilidades, os valores: criativos, de atitude e vivenciais, enquanto fonte inesgotável de possibilidades

e transformação. “O homem não está livre de suas contingências, mas, sim, livre para tomar uma atitude diante de quaisquer que sejam as condições que sejam apresentadas a ele” (FRANKL, 2011, p. 26).

Para Frankl (2011), o homem é capaz de transcender, a partir dos valores criativos, de atitude e vivenciais que possibilitam a autotranscendência devido à tensão que poderá mobilizar a pessoa sair da condição do *SER* para o *DEVER-SER*, em qualquer fase da vida, independentemente da idade e da situação, denominado por ele de *NOODINÂMICA*, sendo esta, a dinâmica da existência humana.

Nesse sentido, ora um valor está esperando por realização, ora esse valor se realiza por meio da ação humana, de tal forma que o homem se encontra sempre perante as possibilidades disponíveis no seu vir-a-ser, bem como se encontram em suas costas as possibilidades que se tornam reais (AQUINO, 2015, p. 16)

Para Aquino (2015), as realizações dos valores ocorrem de forma hierárquica de acordo com aquilo que faz sentido para cada pessoa, que poderá ser realizado de acordo com as possibilidades. Nesta perspectiva “a responsabilidade humana corresponde sempre a dizer “sim” ao que tem mais sentido (constituindo-se como um ser santo ou bom) ou dizer “sim” ao que tem menos sentido (constituindo-se como culpado ou neurótico)” (AQUINO, 2015, p. 16).

A partir desta visão, nada impede a pessoa idosa de fazer escolhas boas ou ruins, mesmo que haja influências da família ou de terceiros, mesmo assim, ela tende a responder de acordo com aquilo que faz sentido, assumindo de fato o que é valioso e importante. “O homem tem liberdade em todos os casos; só que na maioria das vezes desiste dela, voluntariamente. É que nem sempre tem consciência da liberdade, mas pode tomar consciência dela” (FRANKL, 1978, p. 159). A partir desta premissa, a Análise Existencial se encarrega em promover uma análise da própria existência e apelar para uma tomada de consciência para o exercício da liberdade e a responsabilidade.

Para Frankl (1978), os esforços e sacrifícios podem ser compreendidos como um sofrimento com sentido. Por isto, o apoio, uma observação mais atenta dos amigos e da família quanto às necessidades do idoso, podem estimular para que ele possa desenvolver atividades laborais inovadoras, criativas e valorativas capazes de promover sensações de satisfação pessoal devido às novas experiências e aprendizados, superando a apatia, o tédio, os medos, as inseguranças e melhorar a

autoestima, ir além, superar-se, sentir-se pleno de sentido, chamado por Frankl de autotranscendência. “O homem transcende as necessidades porque ele “É” e se relaciona livremente” (FRANKL, 1978, p.157).

Diante esta condição antropológica de autotranscendência, o ser humano em qualquer fase da vida, mesmo na velhice é possível identificar características pessoais existenciais que colaboram para suas relações familiares, compreender e se posicionar diante de situações, entendendo o real valor da sua vida. Por causa da Liberdade da Vontade, nada está determinado, o homem constrói sua vida a partir dos valores significativos para cada pessoa em cada momento, seja no campo social ou profissional, a pessoa poderá desenvolver uma relação de plenitude com a comunidade a partir da vontade de sentido, como “caráter de algo único e da irrepetibilidade como fatores que dão sentido à existência” (FRANKL, 1978, p. 162).

2.3.2 Vontade de Sentido

Para a Logoterapia e Análise Existencial, a vontade de sentido faz parte da natureza humana, sendo a motivação a causa geradora da busca com sentido. A vontade de sentido provoca certa tensão necessária ocasionada pela dimensão espiritual/noética. Para que ocorra a Noodinâmica⁵, é necessário que haja certo desconforto ou seja uma tensão, causando uma dinâmica da dimensão noética possibilitando que a pessoa possa sair da zona de conforto, da condição de *SER (Existir)*, para o *DEVER-SER (Ser pessoa)*, que está relacionado com o que “sou agora” e o que posso “vir a ser”. A liberdade da vontade permite à pessoa exercer a liberdade e a responsabilidade se posicionando ao dizer (sim ou não) à atração exercida pelos valores, deixando ou não se dominar pelos impulsos (FRANKL, 1989a apud FREITAS, 2014).

Por outro lado, a vocação está voltada para o chamado que a vida oferta, mas quando a pessoa está fechada em si mesma, não consegue perceber o chamado, não respondendo a situação naquele momento, perdendo a oportunidade que tem um caráter de missão. A falta de motivação colabora para que a pessoa não afrente o

⁵ Noodinâmica, considerado como “uma bússola humana que busca sentido e os princípios podem surgir de uma tensão interna e não de um equilíbrio interno” (PINTOS, 2007, p. 207).

problema impedindo o aprendizado e a superação da crise momentânea. O conformismo colabora para uma má passividade levando a pessoa a não enfrentar e realizar o que se pede no momento. A falta de motivação pode estar relacionada com a falta de *Vontade de Sentido* e sensação de vazio e da frustração existencial, podendo emergir sensações e sentimentos de inferioridade por causa das relações neuróticas. “O homem padece devido à necessidade de TER” (PINTOS, 2007, p. 306).

Na visão de homem para Frankl (2011), a condição ontológica Biopsicoespiritual por ser completa e integrada coloca o ser humano como um ser único, irrepetível e inigualável e indivisível, por isto, a palavra indivíduo. Por isto, a necessidade de olhar para o todo, como a pessoa se apresenta diante da vida em cada momento. Na velhice, o que difere é o desgaste físico do corpo e as limitações naturais do envelhecimento, mas por outro lado, a história de vida, as vivências trazem muito aprendizado que devem ser consideradas como ganho devido as experiências. A *Vontade de Sentido* continua latente por ser parte das buscas existenciais, mesmo não sendo percebida, é preciso estimular para que o envelhecimento tenha sentido.

Mesmos que estes significados não sejam compreendidos, a pessoa em sua plena condição, poderá se posicionar em qualquer situação, seja com a família, com os amigos ou em qualquer lugar que ele esteja. Não será a velhice que o impedirá de fazer escolhas, mas algumas dificuldades ou sentimentos associados a sensação de incapacidade e/ou inutilidade, contribuindo para baixa autoconfiança e autoestima.

2.3.3 Sentido da vida

Para os filósofos e especialmente para os existencialistas, a questão do Sentido da Vida tem um valor e significado peculiares, despertando interesse pelas questões da essência da existência humana, que varia de pessoa para pessoa, é mutável a cada situação e a cada momento.

Para Frankl (2011), o sentido por ser singular e único, exige ser descoberto de pessoa para pessoa, além disto, ele muda de situação em situação. Por isto, não há um sentido universal para a vida, devido às três categorias que vem a constituir a segunda tríade da Logoterapia: Valores de criação, criando um trabalho ou praticando um ato; Valores de experiência (ou vivência), experimentando algo ou encontrando alguém; e Valores de atitude, pela decisão que tomamos perante o sofrimento

inevitável. A depender das circunstâncias, um valor pode ter mais sentido de ser realizado do que outro. Em algum momento da vida, algumas situações ou atividades podem nos exigir mais; em outro, a experiência de amar e/ou ser amado pode ser mais significativa. E quando nada restar, o valor estará na coragem e atitude perante o sofrimento (FRANKL, 2011).

Mesmo diante das três categorias de valores: criativo, vivencial e de atitude, isto não impede que as situações tenham componentes similares, que existam sentidos em comum, partilhados na sociedade, inclusive, historicamente. Tais sentidos são entendidos por Frankl como valores, os quais são definidos como “aqueles universais de sentido, que se cristalizaram nas situações típicas que a sociedade – ou, até mesmo a humanidade – tem de enfrentar” (FRANKL, 2011, p. 74). Dentro desta perspectiva, Frankl confirma que o sentido da vida por ser um valor a ser buscado, a idade não interfere, mas como nos posicionamos diante da situação, devendo ser avaliada e repensada mesmo na velhice, o que queremos e o que faz sentido.

É fundamental deixar claro que valores são abstratos e universais enquanto o sentido é algo concreto, objetivo, que o sujeito pode realizar em uma situação única. Na categoria de valor de atitude, o sofrimento se desdobra na denominada tríade trágica do ser humano, composta pelos seguintes elementos: a dor, a culpa e a morte. Afinal, “não há um único ser humano que possa dizer que jamais sofreu, que jamais falhou e que não morrerá” (FRANKL, 2011, p. 94). No entanto, não se pode negar o potencial humano enquanto uma condição de transformação dos aspectos negativos da vida em positivos, em algo significativo. Podemos dizer, então, que se a vida lhe der limões, faça uma limonada, este dito popular, não nega o sofrimento, mas o transforma em conquista, “dar testemunho do potencial, unicamente humano, que, em sua forma mais alta, deve transformar uma tragédia em um triunfo pessoal, deve mudar a situação difícil em que o indivíduo está em um sucesso humano” (FRANKL, 2005, p. 33). Portanto, é possível compreender que para transformar uma tragédia em um triunfo pessoal, depende da abertura e maturidade, se permitir sair da condição de “SER” para a condição do “VIR-A-SER”, então, o envelhecimento com sentido, nada mais é, esta abertura as possibilidades de aprender sempre, mesmo diante o sofrimento, que na maioria das vezes é causada por nós mesmos. O sofrimento pessoal diante um problema ou uma tragédia, é capaz de ampliar nossa visão e

aguçar nossa consciência sobre a forma de pensar e de agir, contribuindo para uma nova postura diante a vida, assim, o aprendizado é inevitável.

Para Frankl (1989), nem sempre o homem compreende o sentido de sua vida e se mantém motivado, por causa da falta da auto-observação. A apatia, o desânimo, a agitação podem surgir e influenciar no humor de forma imperceptível, interferindo no dia a dia, nas relações e na qualidade de vida em todos os aspectos, sejam nas relações familiares, sociais até a própria insatisfação pessoal. Esta condição poderá desenvolver psicopatologias como as neuroses e transtornos como a depressão e/ou ansiedade comum no idoso (FRANKL, 1989). A depender da composição familiar e do vínculo do idoso e a família, a convivência poderá ser muito boa e prazerosa ou um problema, interferindo nos sentimentos e no comportamento de ambos, sendo necessário estar atento aos sinais.

A Logoterapia fala da tríade trágica que ninguém escapa: sofrimento, culpa e a morte e que por meio delas ocorre o aprendizado através da vivência e da reflexão, portanto, o sofrimento só deixa de ser sofrimento quando ganha sentido. A crise existencial geralmente ocorre quando a pessoa se encontra fechada em si mesma (ensimesmada), termo utilizado da filosofia existencial. O fechamento para a vida não possibilita a pessoa viver o que precisa, não realiza valores e não aprende e, como tudo na vida é único e irrepetível, a pessoa perde a oportunidade de expandir a consciência e ganhar experiências (FRANKL, 1989). Sem querer romantizar o sofrimento, mas sem ele não haveria a necessidade da felicidade e do bem-estar. Muitas vezes na velhice as pessoas costumam avaliar a trajetória da vida e se deparar com situações de superação, mas também de acovardamento.

A teoria frankliana no exercício da cura e do tratamento clínico seja na psiquiatria ou na psicologia aposta na Logoterapia e Análise Existencial se dispõe de uso de técnicas específicas, cujo objetivo é alcançar a alma humana que sofre. As técnicas utilizadas são:

Intensão Paradoxal - Técnica de caráter antropológico constitutivo da existência humana em que o terapeuta deve encorajar o paciente a realizar a “inversão de intenção”, na qual o medo patogênico é substituído por um desejo paradoxal, perdendo a força para a ansiedade antecipatória na mesma intensidade (FRANKL, 2011).

Diálogo Socrático – Trata-se de uma investigação filosófica na forma de um diálogo orientado regido por determinadas regras, cujo intuito principal é promover o pensamento autônomo e crítico (FRANKL, 2011).

Derreflexão – É um método que poderá ajudar a pessoa a remover o caráter de autocobrança excessiva que ele mesmo impõe. Esta técnica é utilizada para combater a hiperreflexão, constitutiva na existência humana como o autodistanciamento e a autotranscendência (FRANKL, 2011).

Hiperreflexão – Significa atenção excessiva, como uma hiperintenção (FRANKL, 2011).

Autodistanciamento – É a capacidade única e humana de liberdade que o homem tem de poder distanciar de si mesmo e de uma situação. O humor e o heroísmo são capacidades constitutivas do ser humano presente no autodistanciamento (FRANKL, 2011).

Autotranscendência - Fenômeno especificamente humano que possibilita o homem transcender a si mesmo em direção a outro ser humano e na busca do sentido. As buscas humanas estão presentes nas forças instintivas da realização e das necessidades (FRANKL, 2011).

Para Aquino (2015), o questionamento socrático poderá ser desenvolvido e aplicado no cotidiano das pessoas, por meio de três palavras: “Eu posso?”, “Eu quero?”, e “Eu devo?”. Cada uma delas ajuda no despertar de uma consciência daquilo que faz sentido, que deve ou não ser realizado. “Eu posso”, atua como possibilidades de ser realizado; “Eu quero” está direcionado para a vontade de sentido, ajudando a pessoa a superar suas limitações e “Eu devo” instiga ao pensamento do certo ou errado, relacionado com as questões éticas. (AQUINO, 2015)

O conhecimento teórico alinhado a prática clínica, colabora para ampliação da cosmovisão através do autodistanciamento, reduzindo, assim, a hiperreflexão onde os pensamentos são intensos de sofrimento. Para aguçar a consciência é necessário muitas vezes utilizar do confronto diante o pensamento distorcido para a realidade atual, assim, uma nova visão poderá surgir a partir desta noodinâmica, capaz de promover ao paciente o exercício da (liberdade e responsabilidade) e realizar valores: criativos, de atitude e vivenciais para que ele possa autotranscender a crise criada por ele mesmo, além de promover aprendizado, bem-estar e saúde mental (FRANKL, 2011).

A Logoterapia, além de ser uma teoria otimista, humanizadora, possui uma visão completa de pessoa (Biopsicoespiritual e social), trata da pessoa a partir da Análise Existencial, Investiga a realidade e possibilita a autorreflexão por meio dos próprios questionamentos para tomada de consciência. Seu objetivo é despertar no paciente as potencialidades existentes para realização de valores, favorecer a superação das dificuldades através do autodistanciamento e da autotranscendência e estimular a auto-observação através do autoconhecimento. Desde modo, será possível encontrar e compreender o percurso na vida e poderá vivenciar uma vida plena de sentido.

2.3.4 Conflitos Existenciais e o Sentido da Vida

A Análise Existencial tem como objetivo compreender a existência humana e ampliar os horizontes para um despertar real, para o sentido da vida. A consciência enquanto um órgão do sentido tem o propósito de guiá-lo, direcionando como uma bússola, com objetivo de aguçá-lo, despertar a consciência, a liberdade e a responsabilidade do homem em qualquer situação, mesmo frente à sua finitude.

A Logoterapia procura a conscientização do espiritual, com isto, na sua especificação como análise existencial a Logoterapia esforça-se especialmente por trazer o homem à consciência do seu ser-responsável, enquanto fundamento essencial da existência humana (FRANKL, 1989, p. 55).

O ser humano quanto um ser livre busca realizar valores significativos durante a vida, assim, Frumi e Celich (2006), no artigo “*O olhar do idoso frente ao envelhecimento e a morte*”, apresentam uma proposta sobre o significado do envelhecer e da morte para o idoso, desenvolvendo temas importantes como: o sentido do envelhecer, o idoso no mundo; idoso, um ser de relação; lembranças do vivido, envelhecer: bênção divina; o vir-a-ser do idoso; o sentido da morte: o estar para a morte; crenças e valores espirituais. A partir dos temas e reflexões propostos pelo autor, compreende-se a importância do respeito, do amor, do acolhimento e do reconhecimento para o idoso, como tudo isto, está associado às expectativas e ao bem-estar biopsicoespiritual e social favorecendo uma vida plena de satisfação e sentido.

Para Kroeff (2014), situações significativas relatam a importância do sentido e significado da vida, a morte pode ser percebida tanto como limite, quanto possibilidade de realização de sentido. Porém, a concretização de ações durante a vida poderá elevar a autoestima e a motivação, enquanto as dificuldades poderão repercutir em dois aspectos: (a) aprendizado quando há o enfrentamento elevando a percepção, aumentando pensamentos positivos; ou (b) desânimo e a desmotivação devido aos pensamentos negativos.

Percebe-se que o tema sobre o 'sentido da vida' tem despertado discussões e grande interesse por pesquisadores no Brasil de várias áreas. Tema oriundo da filosofia veio contribuir imensamente com o surgimento das áreas humanas, sobressaindo a psicologia e principalmente a Logoterapia e Análise Existencial, devido o embasamento teórico e filosófico que apresenta questões existenciais ao longo da vida. De acordo com Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) têm aumentado bastante o interesse na temática do envelhecimento. Foram identificados 144 grupos, 209 linhas de pesquisa e 511 pesquisadores. Foi desenvolvido uma linha de pesquisa referente ao envelhecimento humano devido à longevidade servindo de alerta para o governo que se preocupa com pagamento da aposentadoria, área da saúde (SUS e planos de saúde) e a sociedade pelas necessidades de adaptações e inclusão. Envelhecer com sentido é um desejo para a maioria das pessoas, principalmente para aquelas que chegaram aos 60 anos de idade e não se sentem velhos, por se encontrarem em plena forma física e psíquica e cheia de vigor, primam pela qualidade de vida em todos os aspectos: saúde, familiar e social.

Oliveira e Silva (2013), no artigo "*Sentido de Vida e Envelhecimento: relação entre os pilares da Logoterapia e Bem-Estar Psicológico*", enfatizaram o envelhecimento como parte do desenvolvimento humano e os processos biológicos e psicossociais. Teve como objetivo identificar os recursos psicossociais capazes de promover bons níveis de saúde mental ou bem-estar psicológico. Esta pesquisa foi realizada com 146 idosos de cinco cidades do estado de Sergipe com idade média de 68,9 anos, sendo 65% dos entrevistados do sexo feminino. Utilizou o Questionário de Saúde Geral (QSG) e o Teste Sentido de Vida Reduzido (PIL-test-12), além de um Questionário Sociodemográfico e os resultados desta pesquisa apontaram uma associação positiva aos idosos que se encontram bem amparados socialmente, mas não se objetivou em identificar o envelhecimento com sentido e a família. Entende-se

que a maioria dos idosos mora com seus familiares, mesmo que haja certa resistência, mas após o surgimento de algumas doenças, se faz necessário este apoio que nem sempre é respeitoso, promovendo no idoso uma sensação de fardo para os familiares.

O artigo divulgado na revista Logo Existência com o tema “*Saúde e Sentido de Vida: as vivências do envelhecer*”, de Espíndula e Ferreira (2017), teve como objetivo compreender como os idosos vivenciam a saúde, sentido de vida, e como os aspectos psicossociais influenciam no processo de envelhecer. Foi utilizada a metodologia descritiva-qualitativa na perspectiva da Logoterapia e Análise Existencial de Viktor Frank. As autoras apresentam uma visão integrativa dos pilares da Logoterapia com base na Liberdade da Vontade, Vontade de Sentido e Sentido da Vida. O objeto de estudo era idosos do grupo de extensão Girassol da UFRR e o eixo temático foram as experiências do cotidiano do idoso, as relações interpessoais como apoio social, saúde e dificuldades corpóreas deparadas no cotidiano, percepções da finitude e desejos e/ou sonhos a serem conquistados. Os entrevistados mencionaram a importância do apoio da família, de grupos sociais e dos amigos.

O trabalho foi evidenciado como uma atividade importante como, também, preparar-se para a aposentadoria. Pode-se perceber que mesmo diante da tensão vivida pelas transformações psicossociais eles se mostram na existência entre a possibilidade de *SER* para o *DEVE-SER*. O estudo abordou questões do corpo e os limites impostos diante a realidade do envelhecimento e buscar o bem-estar e a qualidade de vida cotidianamente, possibilitando reflexões sobre as limitações humanas biopsíquicas na terceira idade. Parafraseando o sociólogo Bauman, “um homem livre pensa em tudo menos na morte e sua sabedoria é uma meditação, não sobre a morte, mas sobre a vida” (SPINOZA 1997, apud BAUMAN 1998, p. 209). Para os existencialistas, falar da vida e da morte é uma realidade natural, mas sabemos que entre estes dois pontos, existem o viver que pode ocorrer de várias formas independentemente da idade gerando crises, sofrimento e transtornos.

Uma das crises mais comuns do século XXI pouco conhecida, falada e tratada é a crise existencial, com sofrimento intenso relacionado à frustração do sentido, seguido da sensação de tédio devido à falta de atitude, da angústia pela falta de sentido e da sensação do vazio. O desespero surge quando não há sentido no sofrimento, mas a tensão existente que é lembrada devido à ociosidade.

[...] A luta pela vida conserva-nos em “tensão” porque o sentido da vida prende-se intimamente com a necessidade de cumprir as suas

missões; esta “tensão” é produto essencialmente daquela que buscam os neuróticos no sensacionalismo ou os histéricos na excitação (FRANKL, 1989, p. 152).

O sofrimento nos lembra que alguma coisa não está bem.

É claro que no sofrimento amadurecemos e crescemos: o sofrimento torna-nos mais ricos e poderosos. [...] Já o arrependimento tem o sentido e a força de fazer com que os acontecimentos externos se convertam em algo não-acontecido (no sentido moral) (FRANKL, 1989, p. 153).

A crise existencial quando não identificada e tratada poderá agravar-se levando a pessoa ao suicídio, isto acontece em todas as idades independente do gênero, conforme pesquisa do IBGE de 2019⁶, aponta aumento de 11% da depressão em idosos entre 60 e 64 anos, e que idosos em asilos e casas geriátricas possuem uma probabilidade maior de desenvolver depressão. Mas será que os idosos que moram em suas casas sozinhos, com apoio apenas de cuidadores, também não desenvolvem depressão? E no caso dos idosos que residem com suas famílias também têm depressão? Será que a depressão é apenas uma condição de moradia? Estas questões nos fazem refletir sobre a importância do sacrifício, mesmo sabendo-se que requer esforço, poderá proporcionar o sentimento de alívio e de missão cumprida, o esforço possibilita aprender a realizar sacrifício, embora exista sofrimento, também há sentido (FRANKL, 1978).

Para compreender o sentido da vida e as questões existenciais que acomete o ser humano, a análise existencial tem um papel fundamental para compreensão do modo de ser do ser humano frente a vida, podendo ser autêntico e inautêntico, com ou sem sentido nas relações sociais, de trabalho e nas diversas situações vividas. A Logoterapia e a Análise Existencial por possuírem fundamentos sólidos se complementam, utilizando conceitos filosóficos, da ontologia dimensional, da antropologia e da fenomenologia, possibilitando uma visão de homem completa, aberta plena de possibilidades. O conceito da ontologia tridimensional sobre a estrutura do ser humano (Biopsicoespiritual), explica de forma sistemática a complexidade e unicidade da pessoa humana diante a diversidade, assim, ela entende o ser humano como um ser único, irrepetível, inigualável mesmo diante a

⁶ Pesquisa do IBGE de 2019 - <https://www.valor.com.br/brasil/4794347/envelhecimento-da-populacao-do-brasil-deve-se-acelerar-aponta-ibge>

complexidade humana. Não obstante, a antropologia favorece o autodistanciamento e a autotranscendência que possibilita o homem sair de uma condição de 'SER' para (Dever-ser), poder ir além mesmo diante os conflitos existenciais. Frankl ao apresentar os três pilares da logoterapia (Liberdade da Vontade, a Vontade de Sentido e o Sentido da Vida), afirma que o homem busca sentido na vida cada momento e situação e na falta da vontade de sentido dá lugar ao vazio existencial que poderá surgir em forma de neurose da angustia. O envelhecimento por não se tratar de uma fase ou ciclo da vida, é importante conceber sua presença desde o nascimento até a finitude da vida, portanto, as tensões são de grande relevância para que através da noodinâmica ocorra a autotranscendência.

3 ENVELHECIMENTO COMO EXPERIÊNCIA EXISTENCIAL

Em 1994, no Brasil, foi criada a Política Nacional do Idoso, por meio da Lei nº 8.842, com o objetivo de identificar e atender as necessidades na velhice, como: criar delegacias especiais de polícia para combater a violência contra os idosos, estabelecer conselhos de idosos, universidades e programas para a terceira idade e centros de convivência visando melhorar a segurança e proporcionar qualidade de vida na velhice.

Segundo Debert (2019), o panorama brasileiro no período industrial destaca o conceito de velho relacionando-o a diversos tipos de perdas, sendo destacada, principalmente, as perdas do status social, da segurança, das relações entre gerações na família, devido ao modelo que considera o idoso como um peso para família e para o Estado, sem lugar e sem significado. Já na modernidade, houve certo empobrecimento, perda de papéis sociais e os preconceitos marcaram a sociedade. A idade do ouro foi denominada como uma forma de valorização do ser humano acima dos 60 anos: este era visto como sábio, respeitado, devido às experiências de vida e, a depender, da posição do poder e do prestígio.

O surgimento da gerontologia, por meio de profissionais especializados, objetivou ampliar o olhar das necessidades na velhice, destacando a importância do lazer e dos cuidados médicos específicos; legitimando os direitos sociais, as leis protetivas ao idoso e a universalização do direito à aposentadoria.

A aposentadoria para algumas pessoas pode estar atrelada a sensação de liberdade pelo simples fato de ter uma remuneração mensal sem a obrigatoriedade do trabalho diário. Assim, poderá realizar novas atividades, além de garantir certa tranquilidade financeira na velhice. Portanto, percebe-se a necessidade de um planejamento para o futuro, como uma forma madura de aprender a lidar com uma nova fase da vida (DEBERT, 2019).

A velhice nem sempre é vista de forma positiva e leve pela sociedade ou pela própria pessoa, no entanto, novas nomenclaturas têm surgido na última década como forma de diminuir o peso da palavra velhice, ao denominar de “melhor idade”; “idade da felicidade” e “idade do ouro”, dá-se uma conotação de ser uma fase de maior sabedoria, maturidade e leveza. Nesta fase da vida, geralmente as pessoas esperam ser compreendidas, amadas, amparadas pelos familiares e que possam realizar atividades congruentes com seus valores sociais e morais relativos ao SER e não só ao TER.

De acordo com Martin Heidegger (1889-1976), filósofo existencialista alemão do século XX, em sua obra “Ser e Tempo” (Sein und Zeit), escrita em 1927, o “sentido do ser”, além de definir o conceito de Dasein, o (SER-AÍ), como o fenômeno se apresenta, amplia a compreensão sobre o SER que se projeta para a condição do VIR-A-SER, como uma direção. O Dasein aponta o sentido para a experiência vivida, enquanto o sentido é a direção do existir por meio das características do próprio SER que em si mesmo se constrói, enquanto que o ôntico está para o afeto, o desejo, o conhecimento e a linguagem.

O existir humano é ser-responsável, porque é ser-livre. É um ser que – como diz Jaspers – de cada vez decide o que ele é: “ser que decide”. É precisamente “ser-aí” (Dasein) e não, pura e simplesmente “achar-se presente” (FRANKL, 1989, p. 121).

Este pensamento não só afirma, como responde aos questionamentos desta pesquisa, por considerar a liberdade de escolha como algo inerente à existência humana, que ocorre independentemente da idade, sendo ela, um farol na busca daquilo que dá sentido na vida, sendo validado através das experiências vividas. A capacidade de decidir pode ser vista ou ocultada em cada situação.

Frankl (1989) concorda com Heidegger que a existência não é algo determinado e estático para sempre. É um acontecimento contínuo, e que a abertura e a vivência ocorrem simultaneamente no ser humano, tanto no presente, quanto no passado e no futuro, e que, no momento presente denominado “aqui a agora”, vive o passado que atua na realidade a que se dirige para o futuro. A Análise Existencial na perspectiva da Logoterapia está além da ontologia da existência, mas como uma antropologia psicoterapêutica enquanto base da essência humana, ou seja, da dimensão espiritual, destacado pelos seguintes aspectos:

- 1) Análise Existencial como explicação da existência pessoal;
- 2) Análise Existencial como terapia de neuroses coletivas;
- 3) Análise Existencial como assistência psíquica médica;
- 4) Logoterapia como terapia específica de neuroses noogênicas e
- 5) Logoterapia como terapia não específica (FRANKL, 1989, p. 57).

A partir da explicação da existência pessoal feita pela análise existencial, compreende-se as diversas formas de envelhecimento, podendo ser com sentido e saudável e não saudável seguida de insatisfações e adoecimento.

Para compreender o envelhecimento no contexto social e cultural, Debert (2019), em seu texto “O corpo e a Reinvenção da Velhice”, traz o envelhecimento a partir de criações históricas e sociais na perspectiva antropológica e suas representações sociais com os mais jovens. No século XX a velhice teve destaque devido aos movimentos e nomenclaturas específicas com objetivo de inovar e amenizar possíveis descontentamentos sobre o envelhecimento. Como consequência influenciou nas formulações dos direitos judiciais e reconhecimento social com intervenções implementadas pelo estado e organizações privadas no cuidado com o idoso. A velhice era pensada como um problema específico da esfera privada e familiar, por isto, produzir uma reinvenção da velhice poderia dar um significado mais edificante e menos triste.

Nos anos 70 do séc. XX, na Universités du Troisième Âge, na França, foi incorporado ao vocabulário anglo-saxão o termo “terceira idade”, ao mesmo tempo da criação das universidades da terceira idade (*Universities of the Third Age*), em Cambridge, na Inglaterra, em 1981 (DEBERT, 2019). De certa forma houve uma espécie de romantização quanto ao envelhecimento com o intuito de amenizar efeitos da perda da juventude na velhice, havendo uma identificação, “separando a juventude

da velhice, como a “meia-idade”, a “idade da loba”, a “terceira idade”, a “aposentadoria ativa” e a expressão da maturidade” (DEBERT, 2019, p. 29).

Com a globalização, as informações se tornaram mais acessíveis, estimulando o idoso a fazer escolhas de acordo com as suas demandas, ampliando, assim, um nicho de mercado antes não valorizado com objetivo de bem-estar e qualidade de vida. “Aqueles que conservam seus corpos com dietas, exercício e outros cuidados viverão mais [...], encorajando a autovigilância da saúde corporal e da boa aparência aparentando uma velhice saudável” (DEBERT, 2019, p. 6).

A própria internet se encarrega em divulgar pacotes de viagens específicos para pessoas idosos com ofertas de melhor preço, segurança, socialização, integração, diversão e alegria.

Em 2015, a OMS publicou um relatório sobre envelhecimento e saúde e a necessidade de algumas mudanças sociais junto a população, devido ao aumento da migração, a urbanização, a globalização e a desregulamentação dos mercados de trabalho que têm contribuído para estas transformações sociais. A partir destas constatações, foi percebida a necessidade da criação do estatuto do idoso, instituído através da Lei 10.741, de 01 de outubro de 2003. Infelizmente, grande parte da população de idosos desconhece seus direitos na íntegra, não utilizando os benefícios, como também a sociedade não está preparada para a velhice e o envelhecer (PINHEIROS, 2017).

O Estatuto do Idoso vem validar benefícios sociais, normatizar e regulamentar os direitos constitucionais e infracionais como forma de salvaguardar a segurança e a vulnerabilidade natural da própria idade. A validação dos direitos para o idoso apresenta aspectos jurídicos e sociais fundamentais para que ele não fique no assistencialismo, mas passe a usufruir dos benefícios dispostos pela lei, contribuindo para melhor qualidade de vida no campo emocional e psicológico, com direito de ir e vir (PINHEIRO, 2017).

Outro aspecto importante da longevidade é que nem todo idoso de 60 anos não aparenta fisicamente a idade que tem. As pessoas acima de 80 anos passaram a ser reconhecidas como a prioridade da prioridade, recebendo atendimento imediato, sendo denominado por Silva e Brasil (2016) de “grande idoso” e “muito idoso” para apresentar esta faixa etária de forma mais amorosa.

Envelhecer não acontece de uma hora para a outra, mas como um processo natural que inicia desde o nascimento. Segundo Grun (2016), a arte de envelhecer

requer entendimento sobre a transitoriedade da vida e aceitar os próprios limites impostos pela idade e aprender a lidar com perdas, com ganhos. A arte de envelhecer possui regras básicas que valem para todas as pessoas como largar (desapegar-se) e ir além de si mesmo, num caminho pessoal como forma de transcender. Para ele, a complexidade do sentido na velhice necessita primeiramente da aceitação da própria existência, reconciliar com o passado, aceitar os próprios limites, aprender a lidar com a solidão, abandonar as posses, cuidar da saúde, das relações, da sexualidade, aprender a perder, a lidar com o ego, a desenvolver a serenidade, a paciência, a mansidão, a exercer a liberdade, despertar para a gratidão e o amor maior. Mas também, é preciso aprender a lidar com o medo antes que surja a depressão.

Este caminho não é fácil, pois ele acompanha o tempo subjetivo de cada pessoa que o levará a se preparar para a finitude de forma mais tranquila. Questões ligadas ao envelhecimento podem estar relacionadas com a cultura, a história de vida e experiências vividas, e poderão estimular ou paralisar a pessoa.

Na maioria das vezes, as pessoas vivem uma vida de ilusões distante da realidade e, é na velhice que tomam consciência de que nunca viveram realmente, mas correram atrás de quimeras que provaram ser irreais. Depois do aceitar, vem o abandonar, a velhice desafia a parte mais dolorosa que é a perda da juventude, da beleza do corpo, abandonar a imagem e a concepção da vida, a profissão, a pressa, as pessoas que vão embora, enfim, abandonar pode ser desapegar-se (GRUN, 2016. p. 25).

Diante desta perspectiva, é fundamental conhecer a história de vida, para compreender os aspectos emocionais que corroboram para determinados comportamentos na fase do envelhecimento.

3.1 FASES DO ENVELHECER E ASPECTOS EMOCIONAIS NO CICLO VITAL

O processo do envelhecimento não ocorre da mesma forma para todos os indivíduos, tudo é vivido de forma individualizada e deve ser contextualizado, associando-o ao estilo de vida, ambiente social e familiar e às questões socioeconômicas e culturais. Para compreender as fases vivenciadas em cada ciclo da vida é fundamental conhecer as experiências e o aprendizado e, conseqüentemente, as transformações e mudanças do comportamento oriundas das emoções e sensações integradas às dimensões fisiológicas e psíquicas (SCHNEIDER; IRIGARAY, 2008).

A investigações feitas pela psicologia vão além da psiquê, exploram diversas áreas, sendo uma delas as funcionais que atuam em situações e momentos específicos da vida, como as sensações, percepções, impulsos, instintos, afetos, sentimentos e vontades (ORO, 1997, p. 34 apud KUPLEN, 2008, p. 24). Quanto às emoções, elas podem ser percebidas pela tristeza, alegria, medos, temores, afeto, ansiedade, pensamentos e ideias, diferentemente dos sentimentos que são demonstrados através do amor e ódio de nós mesmos e dos outros, a estima pessoal, a baixa autoestima, a confiança, enfim, a maneira como ocorrem os vínculos.

Quando se fala de consciente e inconsciente, percebe-se que algumas vivências são conscientes, mas outras não. É na dimensão psíquica que estão as vivências e experiências do passado, presentes no momento e nos pensamentos sobre o futuro. “As experiências de vínculos familiares, fraternais, educativas, laborais, tiveram e tendem e tenderão importantes afetos no fortalecimento de nossa dimensão psíquica ou psicológica” (KUPLEN, 2008, p. 25).

Schneider e Irigaray (2008), em seus estudos trazem recortes de outros pesquisadores de forma muito interessante sobre imagens da velhice; o nome dado a velhice e as idades da velhice (cronológica; biológicos, psicológicos e sociais) relacionado as fases do envelhecimento. Segundo estes autores “A velhice começou a ser tratada como uma etapa da vida caracterizada pela decadência física e ausência de papéis sociais a partir da segunda metade do século XIX” (SCHNEIDER; IRIGARAY, 2008, p. 5).

Outros autores apontam aspectos específicos e importantes quanto a percepção da velhice por meio do corpo físico,

[...] o envelhecimento ainda está ligado à deterioração do corpo, ao declínio e à incapacidade. “Na base da rejeição ou da exaltação acrítica da velhice, existe uma forte associação entre esse evento do ciclo vital com a morte, a doença, o afastamento e a dependência” (NERI; FREIRE, 2000, p. 08 apud SCHNEIDER; IRIGARAY, 2008, p. 2).

O ciclo vital pode ser compreendido como um conjunto das fases da vida onde as transições ocorrem de forma simultânea, possibilitando o indivíduo passar por distintas situações, crises, adoecimento e superações em diferentes faixas etárias. Mas é na velhice, que os resultados chegam de forma clara como resposta das escolhas mediante os hábitos, costumes e atitudes na forma de viver, refletindo na

saúde física e na mental, devido ao processo longínquo e sequencial de como os ciclos estão interligados.

A idade cronológica, por exemplo, não é a única e nem a melhor forma de mensurar o processo de envelhecimento, pois ele se inicia desde a gestação que vai até o fim da vida. O conceito de idade está ligado a multidimensionalidade interligado a função do desenvolvimento, de acordo com as faixas etárias, cuja maturidade psíquica e emocional nem sempre corresponde a idade cronológica. (HOYER; ROODIN, 2003, apud SCHNEIDER; IRIGARAY, 2008, p. 04).

A idade biológica consiste nas modificações físicas, mas também psíquicas, ocasionando perdas pouco a pouco, próprias do envelhecimento. Para Costa e Pereira (2005), as mudanças biológicas sofrem constantes transformações nos ciclos da vida, com a diminuição na estatura de um centímetro por década a partir dos 40 anos devido à diminuição da massa óssea e degeneração da coluna vertebral; a pele fica mais fina e friável⁷; a visão diminui principalmente para perto, devido à presbiopia⁸; a audição diminui; o cérebro também diminui de peso e de volume por causa das perdas de neurônios, mas, apesar desta redução, as funções mentais permanecem preservadas até o final da vida (COSTA; PEREIRA, 2005), com excessão dos casos de demência.

Ferreira (2012) compreende o processo biológico do envelhecimento dinâmico como mudanças das funções bioquímicas e as psíquicas. “Essas modificações determinam a progressiva perda da capacidade de adaptação ao meio ambiente, ocasionando maior vulnerabilidade e maior incidência de processos patológicos, que podem levar o indivíduo à morte” (FERREIRA et al., 2012, p. 02). A idade psicológica por estar integrada à idade cronológica, ambas estão alinhadas aos aspectos cognitivos que interferem na aprendizagem, na memória, na percepção, na inteligência e no controle emocional relacionados ao funcionamento e o potencial humano, capaz de libertar o homem do negativismo e pensamentos irracionais (NERI, 2005, apud SCHNEIDER; IRIGARAY, 2008).

⁷ Friável – A pele do corpo humano fica menos elástica e oleosa (COSTA; PEREIRA, 2005).

Mesmo diante as influências ou interferências da dimensão psicológica, ela não é determinante no desenvolvimento pessoal, podendo o homem se reeducar, trabalhar os pensamentos, sentimentos, emoções, como também, aprender a responder com criatividade os problemas da própria existência para sua evolução. Quanto ao comportamento, a atitude poderá ser substituída por outras mais valorativas, aprender a confiar em seu potencial e utilizar sua capacidade, assim como, melhorar a comunicação consigo e mesmo, com os outros e com o transcendente.

A saúde psíquica pode ser compreendida a partir da atitude e da forma de pensar, sentir, decidir e se posicionar. Portanto, é necessário compreender que somos seres no mundo, damos e recebemos do mundo muitas informações e aprendizado, além de reconhecer que não somos perfeitos e nem onipotentes e em alguns momentos. Precisamos de ajuda de amigos, da família inclusive de profissionais que tem como proposta ampliar a reflexão e o autoconhecimento sobre si sua forma de atuar na vida. (KUPLEN, 2008).

Para Rabinovich, Moreira e Fornasier (2019), as mudanças biológicas estão relacionadas com as psíquicas, impactando tanto a pessoa, quanto a família. No capítulo intitulado “O envelhecimento e velhice: pessoa e família”, os autores relatam que pessoas com 60 anos de idade não se sentem velhas e não sabem definir o que é a velhice. Isto parece demonstrar que o envelhecimento emerge em torno dos 70 anos e, aos 80 anos, a avaliação de ser velho não passa com clareza pelas capacidades da pessoa, ou seja, por uma avaliação de suas limitações. No entanto, a descronologização da vida (DEBERT, 2019) pode ser um elemento importante na autoavaliação tanto da idade quanto do ser velho devido à diferença entre a idade cronológica e a atribuída a si próprio. A velhice está atrelada à consciência dos limites nos aspectos da cabeça e do corpo, entendendo-se que a cabeça não envelhece em relação ao corpo, e que ser velho é não ter vontade de sair e fazer coisas, e que, o envelhecimento é algo natural, que acontece com todos e a morte é uma consequência da vida (RABINOVICH; MOREIRA; FORNASIER, 2019).

A idade social está relacionada com as idades cronológica e psicológica. O status social é percebido pela forma como a pessoa se veste, pelos hábitos e a linguagem e como ela desempenha seu papel de liderança ou submissão frente a outras pessoas ou grupos. Para Neri (2005, apud SCHNEIDER; IRIGARAY, 2008), "a idade social diz respeito à avaliação do grau de adequação de um indivíduo ao

desempenho dos papéis e dos comportamentos esperados para as pessoas de sua idade, num dado momento da história de cada sociedade" (SCHNEIDER e IRIGARAY, 2008, p 08).

Segundo Pintos (2006), o ciclo da vida se desenvolve devido a própria condição antropológica, em que a

[...] tendência autotranscendente se manifesta em um processo de amadurecimento e de realização que só pode ser consumado e ir embora de "si mesmo", sendo este, precisamente, o processo de enriquecimento e crescimento de "si mesmo". É Gordon Allport quem aponta que o TU antecede o EU. E está certo. É um processo circular em que o "TU" antecede o EU, iniciando o próprio processo de chegar a plenificarse, podendo constituir-se em o TU que antecede a um próximo EU/SELF (PINTOS, 2006, p. 225-226).

As escolhas de cada pessoa, passam por significados valorativos pessoais de forma intransferível em cada situação, independente do ciclo da vida. O modo do encontro EU-TU, possibilita a verdade, pois é o ser humano quem dá sentido à existência na experiência intersubjetiva numa força dialética para conciliar e integrar as forças junto ao finito e ao infinito. A autotranscendência do EU e TU busca sentido para além de si mesmo e da relação, revelando o existir, vivendo uma noodinâmica, a tensão existencial entre o ser e o dever-ser. (FRANKL, 2011).

Para Pintos (2006, p. 227), o desenvolvimento humano possui uma tendência autotranscendente nos ciclos da vida, dividido em três instâncias:

Primeira Instância: ADOLESCÊNCIA, sua tarefa evolutiva está relacionada a IDENTIDADE (EU), tem como necessidade RECEBER e sua angústia o ABANDONO.

Segunda Instância: JUVENTUDE/ADULTO, sua tarefa evolutiva está para a INTIMIDADE (NÓS), tem como necessidade a INTIMIDADE, tem como necessidade COMPARTIR, e sua angústia a SOLIDÃO.

Terceira Instância: MATURIDADE/VELHICE, sua tarefa evolutiva está para a INTEGRIDADE (TU), tem como necessidade DAR/DOAR-SE, e sua angústia a REJEIÇÃO (PINTOS, 2006, p. 227).

Sampaio (2019) mantém as quatro fases da vida (infância, adolescência, maturidade e velhice), acrescentando a "envelhescência" como uma preparação para a maturidade e a velhice semelhante à adolescência. Nesta mesma linha de pensamento, Berlink (2000) comparou envelhecer com o adolescer, por serem fases de transição semelhantes que ocorrem diante de crises existenciais de origem física

e psíquica, por causa das mudanças relacionadas à identidade que permeiam aspectos sexual, social nas relações familiares.

3.2 ENVELHECIMENTO SAUDÁVEL E NÃO SAUDÁVEL

Segundo Burmeister (2013), é preciso compreender as diferenças entre independência e autonomia principalmente no envelhecimento para que tanto a família quanto o idoso possam fazer melhores escolhas para uma vida com qualidade e mais saudável. A independência está relacionada com atividades do cotidiano como: tomar banho, alimentar-se e vestir-se, enquanto que, a autonomia tem como foco as tomadas de decisões, algo mais elaborado, devido à necessidade de se ter uma capacidade cognitiva mais complexa como: sair de casa, gerenciar sua vida financeira, viajar e trabalhar. Ambas são de grande valor para um envelhecimento com sentido e qualidade de vida, influenciando e promovendo inúmeras sensações para o idoso.

Já o envelhecimento não saudável poderá estar relacionado com diversos fatores emocionais como: falta de motivação, sedentarismo, aposentadoria não planejada, desemprego, falta de objetivo na vida, falta de saúde, levando a pessoa a viver uma vida sem sentido, desmotivada e acomodada com sentimento de vazio, de perda, de inutilidade. A pessoa que leva toda uma vida trabalhando, se acostuma sua independência financeira e possui autonomia, quando se vê diante uma situação como o desemprego ou aposentadoria, passa por uma necessidade de adaptação para não cair na sensação de vazio e inutilidade (FRANKL, 1989).

Para Frankl (1989), a apatia, o desânimo aliado ao sentimento de esvaziamento e de inutilidade ocorrem devido à “falsa visão segundo a qual o único sentido da vida reside no trabalho profissional” (FRANKL, 1989, p.165). A sensação de vazio, de uma vida sem sentido, poderá promover tristeza, angústia, depressão e isolamento social, denominado por ele de neurose; mas,

a capacidade de trabalho não é tudo, não constitui razão necessária nem suficiente para encher a vida de sentido. Um homem pode perfeitamente ser capaz de trabalhar e, no entanto, levar uma vida sem sentido; e pode também, no caso de um homem incapacitado para o trabalho, infundir verdadeiro sentido à sua vida (FRANKL, 1989, p. 167).

Ainda para Frankl (1989), no caso do desemprego e a quebra da rotina,

o desempregado experimenta a vivência da desocupação da sua época como uma desocupação interior, um vazio da sua existência. Sente-se inútil, por estar desocupado, por não ter nenhum trabalho, pensa que não tem sentido a sua vida (FRANKL, 1989, p. 163).

Na velhice, quando a pessoa se depara com sua idade cronológica, suas perdas fisiológicas e com o tempo de vida que lhe resta, podem ser acometidos pelos sentimentos e sensações de medo, tristeza, angústia e outros. Em se tratando da perda da autonomia da liberdade e das funções laborais, a sensação de inutilidade poderá surgir de forma intensa, causando sofrimento, contribuindo para baixa autoestima e baixa autoconfiança do idoso, com diminuição dos desejos, dos sonhos, mas principalmente da vontade de sentido de viver e realizar algo.

O ser humano significa ser em face de um sentido ser preenchido e de valores a concretizar. Isto é, trata-se de viver nesse campo de tensão estabelecido na relação existente entre a realidade e os ideais a serem materializados. O homem vive por seus ideais e valores, e a existência humana não é autêntica, a menos que seja vivida de maneira autotranscendente (FRANKL, 1969, p. 69).

Conforme Frankl (1969), a autotranscendência enquanto caráter antropológico permite ao homem a possibilidade de *ir além*, sair de uma condição de *SER* para uma condição de *VIR-A-SER* devido sua intencionalidade e potencialidade em criar, inovar e se adaptar mediante as demandas momentâneas, como, também, em poder viver de forma saudável. De acordo com Zimerman (2000), citado por Vilela e Silva (2019, p. 279), tem idoso saudável que apresenta ser mais jovem que adultos de 45 anos, devido à forma como se posiciona na vida relacionado com as características existentes na 'Dimensão Noética'.

Para compreender as manifestações somáticas e doenças de cunho emocional, entende-se que elas podem surgir em qualquer idade, a depender da situação, sendo percebido principalmente quando há uma redução da capacidade produtiva, o isolamento, a solidão, mediante a sensibilidade afetiva, perda dos papéis sociais, dificuldade para resolução de problemas e adaptações em situações inesperadas (NETO, 2013).

Em se tratando do envelhecimento do corpo e das perdas das funções que ocorrem diariamente, é preciso, também, atentar-se para os ganhos relativos ao aprendizado e às experiências vividas.

O que vale na vida não é dormir sobre os louros, sejam eles quais forem, nem o contentar-se com o que já alcançou; para falar a verdade, a vida, com as reiteradas perguntas que nos faz, nunca nos

deixa descansar. Só aturdindo-nos de ilusões conseguimos tornar-nos insensíveis àquele eterno aguilhão que a vida dos crava na consciência com suas exigências sempre novas. Quem se detém, é ultrapassado; e quem se contenta a si mesmo, acaba por perder-se. Portanto, não devemos ficar nunca satisfeitos com o que já alcançamos, quer no terreno da criação, quer no terreno das vivências; cada dia, cada hora torna necessárias novas ações e traz consigo a possibilidade de novas vivências (FRANKL, 1989, p. 171).

Para Frankl (1989), o destino da vida é igual para todos em nascer, viver e morrer, mas o que podemos modificar é a transitoriedade na vida de acordo com o passado, presente e futuro. Por isto, se deter a pensamentos negativos e niilistas não colabora para uma vida com sentido, pois, além de paralisar, pode nos impedir de exercer a liberdade e responsabilidade. Envelhecer faz parte da vida, desde o momento da concepção humana, portanto, cabe a cada um de nós aprender a responder o que a vida de acordo como ela nos convoca a nos posicionarmos. A finitude como algo certo nos aguça a pensar sobre o sentido das nossas escolhas e confrontar-se diante situações nos aproxima da realidade.

3.3 ENVELHECIMENTO: RELAÇÃO COM A FINITUDE E SENTIDO DA VIDA

As concepções sobre o envelhecimento podem variar de acordo com a perspectiva sociocultural que perpassa gerações e suas fases do desenvolvimento, normalmente classificadas por idade, sexo e classe, seguindo uma ordem distinta, a aparência ganha definições de acordo com a dimensão biossocial por meio dos corpos: “os mais ‘conservados’ aos mais ‘envelhecidos’ ou ‘desgastados’, como é expresso no cotidiano. Dos mais ágeis e dinâmicos aos mais ‘desabados’, como se brinca de dizer” (BOURDIEU, 1983, apud BRITTO-DA-MOTTA, 2019, p. 361).

No entanto, existe uma grande diferença entre ser velho e sentir-se velho, principalmente se a pessoa tiver uma vida atuante, tanto profissional quanto socialmente. Mesmo quando estiver numa idade avançada, poderá se sentir jovem, cheio de energia por ter uma velhice saudável e produtiva, a depender dos hábitos e costumes ao longo da vida.

A filosofia existencial, por sua vez, tem como proposta ampliar a visão de mundo e da realidade diante da complexidade da existência humana, como, também, associar o real e contextualizar ao que dá sentido à vida. Trata da morte como um fim natural e graças à correlação da vida e da morte, busca-se sentido da vida.

[...] a finitude faz parte da vida, despertando para a importância de cada momento da existência e a tranquilidade ante a morte, a partir de três princípios: 1) Como nada é permanente, não devemos apegar a ninguém nem a nada; 2) Tudo é transformação; não se perde; a morte é uma transição para outro estado; 3) Como posso morrer a qualquer momento, devo aceitar isso, que não posso mudar (FERRI, 2012, apud KROEFF, 2014, p. 85).

Segundo Pintos (2017), em uma situação de perda de algo, a primeira pergunta que fazemos é: “Por quê?”, a forma como esta pergunta ocorre, está relacionada com a situação imprevisível como a pessoa se encontra naquele momento, sem garantia do amanhã. Por isto, a importância de se perceber como um ser mortal e que não controla a vida. A segunda pergunta “Por que comigo?” geralmente tem o cunho de injustiça, como a situação devesse acontecer apenas com os outros, sendo necessário compreender que a vida propõe, mas é o homem que escolhe e realiza, aguçando a responsabilidade de suas escolhas. Já a terceira pergunta “Por que comigo agora?”, relativa ao tempo, como se fosse em um mal momento, recriminando determinado acontecimento como algo inoportuno. A quarta pergunta surge geralmente quando não nos resta mais opção, mas apenas aceitar a condição existente: “Como voltar ao estado anterior à perda?”, cuja intenção é recuperar o tempo perdido. A busca pelo reparo a alguém ou a Deus como forma mística em remediar o que não se pode mudar, “Deus quis assim”, então só nos resta aceitar.

Percebe-se que a busca pelos ‘porquês’ na vida, está ligado a uma necessidade pessoal em obter resposta do ocorrido, podendo se eximir da responsabilidade da própria escolha. Diante o sentimento de injustiça, de impotência e da imprevisibilidade dos acontecimentos relativos às perdas tanto na juventude, quanto na velhice, podem estar relacionadas a limitação da visão de mundo diante os fatos, podendo ser transformados em soluções ou problemas (PINTOS, 2017).

Três perguntas são necessárias para aprender a viver a perda e superá-las: 1) O que se passou? Aceitar e reconhecer o fato; 2) O que se passou comigo? Assumir o ocorrido, responsabilizar-se e a 3) O que eu posso fazer? Ou o que faço? Como forma de reparar, ter uma atitude, uma ação concreta. Ao assumir algo na vida, a pessoa está reparando e realizando três atitudes: 1) Enfrentar (compreende-se que algo é nosso adversário); 2) Afrontar (quando nos colocarmos frente a algo, numa tomada de atitude) e a 3) Confrontar (vivenciar a possibilidade de encontrar a verdade) (PINTOS, 2017).

Tendo em conta essas três atitudes, diria que as perdas devem ser “afrentadas”, nunca “enfrentadas” (porque a via nunca é inimiga nem adversária), mas, para fazê-lo, devemos nos deixar “confrontar pelo ocorrido”. Assim, mesmo o perdido nos permitirá descobrir encontrar em nós mesmos o que permanece e essa é e será sempre a nossa fortuna (PINTOS, 2017, p. 74).

As atitudes não são sustentadas pelo “por que”, mas pelo “como fazer” devido a força da responsabilidade interior, no sentido de maturidade ou das questões relativas ao desenvolvimento pessoal, mediante uma dinâmica espiritual, capaz transformar o ser humano em um ser mais altruísta e empático (KROEFF, 2014).

Para compreender as questões relativas à existência humana e as buscas feitas pelo ser humano, vários pensadores e pesquisadores têm se debruçado em estudos e pesquisas para responder perguntas de caráter filosófico existencialista. Heidegger e Soren Kierkegaard, além do médico americano Irvin Yalom responsável pelo modelo de psicoterapia existencial, defendem o exercício da liberdade nas buscas existenciais humanas. Em relação à velhice, Heidegger (2009), citado por Kroeff, (2014), relata que nesta fase da vida, os valores das experiências vividas e à previsibilidade da finitude são de grande relevância, e também citado por Yalom (1984), aspectos como a morte, a liberdade, o isolamento existencial e o sentido da vida, são decorrentes da própria existência humana destacando a consciência como imprescindível devido a dois fatores como a angústia que é inevitável e que necessitamos de nos reconciliar e a segunda, a liberdade por nos exigir a responsabilidade, porque só a partir dela, seremos livres. Quanto ao isolamento existencial, pode ser compreendido como consequência da morte e da liberdade, que ocorre tanto no nascimento, quanto na morte, momentos estes, que ninguém poderá acompanhar. (KROEFF, 2014)

Já Kierkegaard, enfatiza que o ser humano em sua forma de existir, é um ser único e responsável, por ser capaz de dar significado à sua existência, através da liberdade em fazer escolhas, mesmo perante os absurdos, o tédio, a alienação, o desespero e as dificuldades. Para Kierkegaard as decisões humanas são ordenadas pela fé, capaz de levá-lo a subjetividade e a liberdade, numa condição de aceitação e mudança dos caminhos através das atitudes, enquanto Pintos (2017), fala dos “Porques”, das justificativas diante das situações vividas. Ao concordar com os pensadores acima, Frankl (1989), concorda e afirma que graças a dimensão noética o homem é um ser livre, capaz de autodistanciar e autotranscender, devido a sua

condição antropológica que torna o homem um ser (único, irrepetível, inigualável e indivisível), a partir dos valores: criativos, vivenciais e de atitude.

Para Kroeff (2014), os valores apresentados anteriormente, além de se relacionarem com situações do cotidiano agregam na vida da pessoa experiências que poderão levar ao aprendizado. O homem ao realizar valores criativos, se doa ao mundo, dando o melhor de si, ou seja, realiza algo exclusivamente seu, como uma obra prima. Ao realizar valores de atitude, o homem é capaz de expressar e se posicionar mesmo diante da dor e do sofrimento, da culpa e da morte denominada por Frankl (1967) de '*Tríade Trágica*' e por fim, ao realizar valores vivenciais, o homem recebe o que a vida proporciona a ele. Assim, a realização de valores não só amplia a visão de mundo, como possibilita aprender com as experiências vividas, a se posicionar diante situações em diversas fases da vida, inclusive diante ao adoecimento e à morte, favorecendo a autotranscendência, transitando da condição de 'SER' para o 'DEVE-SER'.

Na velhice a sensação de finitude pode ser mais presente por causa das limitações da própria idade, a perda da juventude, da memória, da autonomia e/ou independência devido às limitações físicas, psíquicas e sociais.

A doença pode ser considerada uma situação que nos aproxima da morte, podendo ser uma forma de se preparar. "Na velhice a pessoa se aproxima bem mais da espiritualidade, assumindo o derradeiro amor à cruz como certeza no inevitável declínio mortal da vida, podendo se revoltar por estar fraco contra a presença da morte ou se preparando para a morte" (GRUN, 1975, p. 121-122). Percebe-se que a busca pela espiritualidade poderá ter um significado muito mais efetivo na velhice, mediante aproximação da certeza da finitude.

Rubens Alves (1933 – 2014), teólogo, psicanalista, apresentou uma visão diferenciada sobre a vida e a morte. Seu texto 'Sobre a morte e o morrer' trata da importância de como utilizar o tempo recorrendo aos ensinamentos bíblicos,

Tudo tem o seu tempo determinado, e há tempo para todo propósito debaixo do céu: há tempo de nascer e tempo de morrer; tempo de plantar e tempo de arrancar o que se plantou; tempo de matar e tempo de curar; tempo de derribar e tempo de edificar; tempo de chorar e tempo de rir; tempo de prantejar e tempo de saltar de alegria; tempo de espalhar pedras e tempo de ajuntar pedras; tempo de abraçar e tempo de afastar-se de abraçar; tempo de buscar e tempo de perder; tempo de guardar e tempo de deitar fora; tempo de rasgar e tempo de coser; tempo de estar calado e tempo de falar; tempo de amar e tempo de aborrecer; tempo de guerra e tempo de paz (ECLESIÁSTES 3:1-8 ARA).

Segundo Alves (2009, p. 02), "para tudo há o seu tempo. Há tempo para nascer e tempo para morrer" e que "a morte e a vida não são contrárias, são irmãs. A reverência pela vida exige que sejamos sábios para permitir que a morte chegue quando a vida deseja ir". Entende-se que é por meio da morte que valorizamos a vida, por isto, compreender o sentido da própria existência é um convite para realizar valores criativos, de atitude e vivências. Segundo Frankl (1989), somente quando estamos abertos para viver uma vida plena de sentido, poderemos aprender com o sofrimento e responder a vida com liberdade e responsabilidade.

Contudo, falar sobre envelhecimento e relação com a finitude e sentido da vida pode nos levar a certa angústia ou tristeza por estar relacionado à perda da própria existência. Neste contexto, Pintos (2017) questiona aspectos importantes relacionados ao sofrimento:

o que choramos quando choramos? O que acontece quando nos entristecemos? Quando choramos um luto, na verdade, choramos por nós mesmos, por nos ver nesse estado de perda. O que será agora de mim sem aquilo que perdi. Se falece um amigo querido, sofro por ele, pelo que ele vale, mas, ao mesmo tempo, sofro por mim, pelo que será de mim agora sem ele (PINTOS, 2017, p. 75).

Claudio Garcia Pintos (2017) nos convida a refletir sobre a "plenitude da própria vida, pois ela não depende do que se perdeu, mas resgata aquilo que ainda existe em nós e aguarda para ser vivido" (PINTOS, 2017, p. 72). Esta percepção que o autor traz ajuda tanto ao idoso, quanto a família a compreender que é possível mudar a forma de pensar, dos hábitos e do comportamento. Abrir possibilidades para o novo, poderá ser gratificante e edificante para ambos, quando a liberdade e responsabilidade são ativadas, melhorando o humor, a motivação, o diálogo, as relações e a saúde física e psíquica no envelhecimento seja em qualquer contexto familiar.

4 ENVELHECIMENTO E RELAÇÕES FAMILIARES

O envelhecimento com sentido embora não dependa exclusivamente da configuração da formação da família e dos seus membros, pode estar relacionado com o tipo de vinculação desenvolvido durante o convívio nas relações familiares. Alguns autores como Rodrigues (1997), Parry (2005), Belo (1990), Menezes (2016) e Rabinovich (2016) vêm estudando as mais diversas configurações e relações na família, cujos conceitos variam de acordo com a cultura e valores.

Sá e Rabinovich (2016) apresentam uma visão de família e suas relações fraternas da seguinte forma:

a família é considerada a célula fundamental da sociedade e locus privilegiado do desenvolvimento humano. Nela são geradas novas vidas, formando-se vínculos, vivenciam-se experiências únicas, em geral duradouras, como a paternidade, a maternidade, a filiação, a fraternidade e a relação entre as gerações. É na família que a pessoa é introduzida na cultura e também é nela que são transmitidas as crenças, os valores, facilitando o desenvolvimento e a socialização de seus membros (SÁ; RABINOVICH, 2016, p. 65).

É na família onde ocorrem as primeiras relações e desde cedo as experiências, mesmo que interdependentes poderão servir de modelo ou um padrão para as relações sociais futuras (PETRINI; ALCÂNTARA; MOREIRA, 2015; FERNANDES, 2002). Nas relações familiares, vários laços são criados a partir do vínculo e do parentesco, podendo durar pouco tempo ou para a vida toda. Nos laços de amor, a cooperação e a solidariedade possuem uma condição marcante nas relações entre os membros da família (pais, filhos, irmãos e avós), onde o respeito vigora a partir da relação EU e TU e da aceitação incondicional, mesmo diante das diferenças. Uma relação aberta, fluida e madura é capaz de proporcionar uma relação harmônica, próxima, melhorando o convívio familiar. A vinculação se dá de maneira natural proporcionando crescimento pessoal e social. (SÁ; RABINOVICH, 2016)

Para Fourez (2000), o nível de relação qualificada na horizontal que corresponde uma relação inter-humana e social, ao contrário da vertical que simboliza o divino, o institucional, representado pelo vínculo social que é diferente da relação parental que é qualificada de vertical. Ainda o autor afirma que mesmo na relação fraternal horizontal, sofre influência da verticalidade devido as experiências vividas diante crenças, culturas e dos mitos familiares (GOLDSMID; FERES-CARNEIRO, 2011; FERNANDES, 2002; FOUREZ, 2000).

Para Menezes (2016, p. 127), “o grande desafio da família contemporânea é certamente o de conciliar a individualidade e a conjugalidade, o amor entre os esposos e o amor dos pais para com os filhos”. As relações podem ser estabelecidas mediante um processo de democratização da vida pessoal relevante nas relações de amizade e fundamental entre pais, filhos e outros parentes (GIDDENS, 1999). O convívio amoroso e fraterno pode contribuir para que o envelhecimento seja tranquilo devido ao vínculo desenvolvido, independente da configuração do modelo de família, mas pelo sentimento de segurança, de acolhimento de assistência.

4.1 CONFIGURAÇÕES FAMILIARES E VALORES ÉTICOS NAS RELAÇÕES FAMILIARES

Falar de configurações familiares pode causar certa estranheza para algumas pessoas, principalmente para as mais velhas que aprenderam e conviver com modelos de família dos séculos XIX e XX. Independente das crenças, das interações sociais entre classe e etnia em várias nações e cidades do mundo, a procriação de homens e mulheres tem como objetivo a formação da população, promovendo diversos arranjos domésticos, cujos valores e costumes podem ser chamados de famílias (PARRY, 2005). As famílias possuem características próprias, mesmo com diferentes configurações, podem se relacionar de forma intensa e distante ou intensa e próxima.

Para compreender as denominações e transformações referentes aos modelos de família na contemporaneidade, é preciso identificar e considerar as características de cada tipo de família. Neste aspecto, Rodrigues (1997) relata sobre as transformações que a família patriarcal, convencional, hierarquizada, patrimonialista, vem sofrendo. Elas são constituídas por meio do matrimônio entre homem e mulher que cuidam dos seus descendentes.

Rodrigues (1997) fala da recomposição dos modelos de família contemporânea que passam por diferenciações e classificações como:

Família Monoparental – Constituída por uma pessoa, independente do sexo e sem companheiro, porém vive com um ou mais filhos (pode ocorrer do fim do casamento, da viuvez, adoção e solteiros).

Família Reconstituída, Família Recompota ou Pluriparental – Possui uma estrutura familiar originada do casamento ou união estável de um casal, na qual um ou ambos de seus membros têm um ou vários filhos de relações anteriores e surge, então, a chance de formação de uma nova família.

A Família Homoafetiva – É composta por pessoas do mesmo sexo que recebe plena proteção estatal: alimentos, sucessão, adoção, exercício do poder familiar, curatela, uso do nome do companheiro e impenhorabilidade do bem de família.

A União Estável – É formada por um homem e uma mulher ou casais do mesmo sexo, formalizada em cartório, livre de casamento religioso, podendo constituir família.

Anaparental – Formada pela convivência de parentes (irmãos, tio e sobrinho) ou sem vínculos parentais que convivem por algum motivo, possuindo rotina e com afinidades sociais, econômicas ou outra qualquer que os aproximam;

Família Eudemonista – Existe pouco apego a regras sociais e tradicionais como religião, moral ou política, pode ter formatação como as anteriores,

Ao longo dos séculos XIX, XX e XXI, houve grandes transformações do conceito de família no mundo e no Brasil. No final do império do século XIX, a identidade da população do Brasil foi constituída dentro de um contexto mundial, no modelo de família patriarcal, oriundo da Europa. A união matrimonial naquela época tinha objetivos de cunho político, econômico e religioso, em que os casamentos eram arranjados desde a infância, com objetivo em unir os bens entre as famílias por meio de posses de terras, bem como, conservar sobrenomes e títulos de nobreza (PARRY, 2005).

A partir do século XX, houve grandes transformações nas relações familiares, por um lado surgiu uma nova sociedade mais aberta, tolerante e livre, onde a busca pelo amor e afeto passou a ser o ideal de felicidade, fortalecendo a importância da realização pessoal e por outro lado, houve certo empobrecimento político e econômico das famílias, que passaram a ter dois eixos:

1) Produção – O trabalho passa ser uma necessidade da família para sobrevivência, onde os papéis são definidos hierarquicamente pelo poder e autonomia, denominada de “Família Trabalhadora”.

2) Reprodução – Redução no crescimento populacional e mais autonomia para a mulher, para atender a lógica familiar no modelo capitalista e também do grau de parentesco. (PARRY, 2005)

Para Rodrigues (1997), os novos arranjos familiares trazem certa democratização dos sentimentos, preservando a liberdade individual e o respeito mútuo. O apreço pela conveniência, a busca pela felicidade, a supremacia do amor e da solidariedade, formando novo modelo monolítico. Contudo, é fundamental identificar os tipos de dinâmicas que ocorrem nas relações familiares, o grau de parentesco e a afetividade existente, para compreender como se dá o envelhecimento, se a família de fato contribui ou piora a condição emocional e psíquica do idoso.

Segundo Menezes (2016), o amor deve ser o centro da relação conjugal, tornando-se o fundamento principal da relação familiar. “Questões ontológicas sempre foram analisadas e permanecem como objeto importante de buscas no contexto cultural da sociedade contemporânea” (MENEZES, 2016, p. 127-128).

Em se tratando de ética pessoal no amor na família, a relação de amor entre os cônjuges é ampliada por meio das relações entre os seus membros, cujo objetivo é

[...] o desenvolvimento pleno da pessoa humana desde o seu nascimento, cuja capacidade de amar é desenvolvida até a idade adulta, na qual a responsabilizada se integra num ambiente favorável para que as qualidades das relações sejam sempre num ambiente favorável para que as qualidades nas relações sempre mais objetivas. É a descoberta do outro, o (a) esposa/esposo, com amigo, que é um bem por excelência (ARISTÓTELES, 2001, p. 175, apud MENEZES, 2016, p. 131).

Em se tratando de valores éticos e morais nas relações familiares, é preciso considerar não somente o convívio familiar e a configuração de como ela se organiza, mas os costumes, valores e a cultura para compreender como se estabelecem as relações familiares que podem ser numa esfera saudável e não saudável. No oriente geralmente as pessoas mais velhas são valorizadas e reconhecidas como sábias, devido às experiências adquiridas pela forma como conduzem o trabalho, desde muito cedo, abdicam dos estudos para criar e cuidar com alegria da família, sendo esta, seu porto seguro na velhice. Os mais jovens vêm o mais velho com um exemplo a ser seguido, acolhendo e se aconselhando antes de qualquer decisão a ser tomada, pois o orgulho que sentem tem como origem os benefícios recebidos pelo idoso de uma vida de apoio e dedicação e, por outro lado, a sociedade cuida, reverencia com alegria,

com enorme respeito seus idosos, dando valor àqueles que tanto fizeram pelo bem comum da família. Os mais velhos possuem cargos altos nos grupos sociais e na política, sendo comum ver pessoas com 90/100 anos nos parques municipais fazendo atividade física, andando e socializando (MASC, 2013).

Desde 1947, é comemorado no Japão, na terceira segunda-feira de setembro, o dia do idoso denominado de “Keiro no hi”. Neste dia, eles oram pela longevidade dos mais velhos e os agradecem pelas contribuições feitas à sociedade ao longo de suas vidas. Os idosos, quando chegam aos 70/80, anos falam da sua idade com muito orgulho, geralmente não se pergunta a idade aos jovens, mas aos idosos. Confúcio (551-479 a.C), filósofo chinês, definia as pessoas idosas como entes dignos de respeito e de obediência pelas famílias (MASC, 2013).

Masc (2013) afirma que no Japão o homem, ao completar 60 anos de idade, tem a permissão de usar blazer vermelho, por ser a cor dos deuses, enquanto que no Brasil a cor viva deve ser usada de preferência pelos jovens, ficando para os mais velhos as cores neutras, apagadas, frias e tristes.

Ainda para Masc (2013), estreitar laços afetivos com pessoas idosas próximas, dar atenção, ouvir suas histórias, poderá colaborar para o aprendizado e melhora da atenção e da memória, como também a aproximar de crianças entre um e três anos de idade, ainda no período da formação da personalidade. Tal proximidade ajuda ambos na construção dos valores e atitudes, por meio do aprendizado do cuidado, do respeito e atenção de seus pais a essas pessoas, lembrando do significado e do valor das relações de grupos religiosos, de grupos sociais e da escola. Outras maneiras de ampliar o olhar para o idoso é reconhecer a potencialidade laborativa, a saúde, a energia, a criatividade e estimular a inclusão social.

Belo (1990) atribui à sociedade e à cultura a responsabilidade de influenciar o comportamento do idoso e das famílias, capaz de interferir nas relações e no convívio diário, colocando o idoso na condição de dependência e submissão, não colaborando para um envelhecimento com sentido, mas na culpabilização e na vitimização com sensações de inutilidade e peso para a família.

Segundo Frankl (1989) e Menezes (2016), as relações familiares possuem distintas formas de se organizarem. O afeto, o respeito, a confiança e o amor geralmente são desenvolvidos ao longo do convívio mediante os valores estabelecidos no seio da família, gerando vínculos afetivos independentemente da configuração familiar e das influências socioculturais. Portanto, o envelhecimento com

sentido pode ocorrer independentemente do tipo de relação familiar devido a liberdade que faz parte da condição existencial humana.

4.2 FAMÍLIA E SUAS PECULIARIDADES

A convivência familiar poderá contribuir de forma positiva ou negativa na vida de uma pessoa, devido a ‘liberdade e responsabilidade’ existente na dimensão noética. Mesmo diante apontamentos e orientações dos pais, nem sempre os filhos acatam os valores transmitidos ao longo da vida. (FRANKL, 1989)

A partir de uma ótica sociológica de Duarte (2008), a família pode ser categorizada e denominada de “família extensa” ou “rede familiar” numa percepção relacional de cada família, em que a pessoa vivencia sua trama relacional de forma significativa, mesmo não conhecendo seus antepassados como o tataravô.

Contudo, a família pode oferecer alguns bens que dependem dos vínculos que se estabelecem entre os seus membros por causa da natureza específica de suas relações – os bens relacionais, a paternidade, a maternidade, a filiação, que vão além do afeto, do apoio mútuo e da proteção e constituem bens que somente a família pode proporcionar (PETRINI, 2009).

Para Petrini (2008), as famílias podem ofertar estes bens relacionais a partir da “importância dos vínculos entre o casal e num segundo momento, as relações entre pais e filhos” como fonte de interações nas relações familiares no cotidiano (PETRINI; DIAS, 2016, p.19).

Diante do cenário contemporâneo, as configurações familiares aparecem como jogo de poder de forma privada e pública, nos seguintes aspectos:

[...] avós atuais, não raro são também netos; multiplicam-se bisnetos e bisavós; gerações “maduras” e idosos “jovens”; estes já caracterizados como geração ‘pivô’, ou geração intermediária, cuidam de filhos e netos, mas também de pais mais velhos (BRITO-DA-MOTTA, 2019, p. 359).

Para Brito-da-Motta (2019), os modelos familiares não perduram por longo tempo devido à própria dinâmica, sejam estes nucleares, ampliadas ou recompostas, fechando-se nos moldes solidários devido à competição do mundo externo que, ao mesmo tempo, santifica a imagem da família, não registrando o jogo de poder existente. Em se tratando das peculiaridades da família, percebe-se certa troca de

poder entre os membros da família devido a dinâmica no cotidiano, de forma natural, imperceptível e gradativa como: na divisão do trabalho doméstico, na contribuição do orçamento familiar ou nas decisões de ações individuais e de chefia. As disputas entre os filhos geralmente ocorrem com o objetivo de serem reconhecidos. Pode-se perceber as relações de interesse pessoal pelo reconhecimento do mais inteligente, mais esforçado, estudioso, mais trabalhador, carinhoso, atencioso, sucessivamente, tornando-se líder, cercando os mais velhos de cuidados, deixando-os numa condição de passividade e conformismo.

Os idosos também podem desenvolver um papel importante na família, principalmente quando se estabelece uma relação de afeto, admiração e respeito, apaziguando e contribuindo como suporte financeiro e emocional, devido a experiência de vida e a uma nova visão de mundo nesta fase da vida, podendo ser mais evidente mediante a viuvez. Para Pintos (2005), a família do ancião se organiza de forma distinta, através de um sistema próprio, em que a relação trigeracional ocorre diante a viuvez. Estatísticas apontam que os viúvos apresentam maior facilidade de recasamento e constituírem uma nova família, enquanto as viúvas em grande parte passam a morar com as filhas e sua família nuclear, alterando a rotina e forma de viver de todos os membros da família.

Para compreender estas transformações que ocorrem nas relações familiares, é preciso entender as diferenças e as dinâmicas no convívio nas três gerações, devido aos seguintes fatores: 1) alguns filhos se casam e continuam morando com os pais; 2) aumento da migração dos mais jovens em morar sozinhos; 3) mudança no papel da mulher quanto ao cuidado com a casa, com o idoso e a família. Devido às necessidades econômicas e profissionais, acaba mudando de função e conseqüentemente, abandona a tarefa de cuidar dos idosos; 4) problema econômico e habitacional tem contribuído para uma moradia mais modesta, em espaço físico menor, em apartamentos, concentrando o convívio de forma mais intensa. Ante as dificuldades encontradas nas relações familiares, percebe-se aumento de idosos institucionalizados ou grande maioria vivendo sozinha devido aos sistemas familiares imaturos, o qual pode ser definido como:

são aqueles sistemas que os indivíduos não assumem corretamente seu papel, em virtude de priorizar seus próprios interesses em detrimento dos interesses do grupo. Não têm compromisso com a dinâmica e a vida do sistema. Nestas agrupações, é possível localizar

alto nível de agressividade e hostilidade, e muita rivalidade entre seus membros (PINTOS, 2005, p. 49).

Os sistemas familiares possuem duas situações distintas: um sistema maduro, harmônico, que conta com o diálogo; e o sistema imaturo, desarmônico, conflituoso e com superproteção. Neste último sistema, no caso do idoso, duas condições podem surgir: a primeira não haver resolução do conflito, mas com sobrecarga psíquica no sistema familiar, contribuindo para certo desmoronamento e a segunda é a resolução aparente do conflito: devido à separação do idoso e/ou separação dos outros que priorizam seus próprios interesses e intensificam as próprias crises, geralmente diante a perda de membros da família ou por viverem distante na solidão ou com sentimento de culpa. Outra forma limitante para o idoso é a falta de autonomia, não poder cuidar de coisas de seu interesse, por não acreditar na sua capacidade, prejudicando a saúde psíquica. (PINTOS, 2005).

No sistema imaturo, existem quatro tipos de família e a problemática com o idoso: abandonica, tipo clan, superproteção e distante. Na família tipo abandonica, os integrantes vivem para seu próprios interesses e atividades, deixando de lado o grupo familiar numa relação descuidada. Já o tipo Clan, são organizadas em torno de um de seus membros, ou o pai ou a mãe, com certo monopólio, atuando de maneira rígida, sem possibilidade de independência de seus membros. No tipo Superproteção mencionado acima, a família adota comportamentos que não ajuda no desenvolvimento cognitivo e emocional do idoso, impossibilitando-o realizar valores criativos, vivenciais e de atitude. Por fim, o tipo Distante que propicia conforto, cuidados, mas sem grandes convívios, deixando um espaço na relação afetiva devido ao distanciamento (PINTOS, 205).

Diante o exposto, a velhice poderá ser vista pela família e pela sociedade como uma carga negativa e pesada, tanto política quanto no quesito existencial, devido às limitações físicas, psíquicas e de como são vistos, gerando problemas de ordem relacional, social, econômica e cultural. A baixa remuneração das aposentadorias colabora para redução e até mesmo na exclusão da frequência nos espaços sociais, implicando no lazer e na qualidade do lazer do idoso (BELO, 1990).

Sabe-se da importância do lazer e da interação social na vida da pessoa enquanto forma de renovação de ânimo e melhora do humor. A interação social, além de promover uma relação de troca e aprendizado, também possibilita o ser

reconhecido através do outro, mencionado pelos filósofos existencialistas já há muitas décadas. Porém, a falta do lazer e da interação social, seja por limitação financeira, questões de saúde ou outras, poderá afetar não só a pessoa, mas a relação ao seu entorno, sendo a família a mais atingida, devido à proximidade para a expressão dos sentimentos e afetos. Por outro lado, a forma como cada pessoa lida com as restrições irá depender de forma direta e pessoal dos valores concebidos por ela. A partir destas colocações, podemos perguntar: será que um envelhecimento pleno com sentido depende das relações familiares? Vamos tentar responder esta pergunta de acordo com a perspectiva da Logoterapia e Análise existencial e seu arcabouço teórico.

Para Pintos (2005),

a instituição familiar, se define como sistema vivo, não está à margem do desenvolvimento sociocultural e histórico, a dinâmica se vê afetada por uma série de diversas variáveis que modificam significativamente a sua existência como sistema (PINTOS, 2005, p. 31).

Já para Frankl (1989), a liberdade e a responsabilidade não são produto das circunstâncias, mas produto das suas decisões, libertando o indivíduo de estigmas e preconceitos deterministas, pois ele entende que o homem é capaz de decidir e enfrentar as diversidades da vida, ter autonomia e ser independente em qualquer ciclo da vida, situações e/ou condições. Percebe-se que na velhice não é diferente, até porque se trata de uma condição natural da existência humana que também precisa exercer esta condição de VIR-A-SER. Outra reflexão do autor é que quando não podemos mudar uma situação, somos desafiados a mudar a nós mesmos, libertando dos conceitos e regras políticas e sociais, possibilitando ao idoso fazer suas próprias escolhas junto à família, exercendo a liberdade e a responsabilidade.

5 MÉTODO

A pesquisa, enquanto ciência, requer um método investigativo que normalmente submete a subjetividade humana como forma de compreensão da individualidade e particularidades dos processos para obtenção de um todo que possa abrir possibilidades para a inovação. Desta forma, a ciência produz zonas de sentido da realidade do fenômeno estudado (REY,1998).

O tema desta pesquisa está relacionado diretamente com questões subjetivas relativas ao envelhecimento com sentido e a relação familiar na perspectiva da Logoterapia e Análise Existencial que, por sua vez, poderá contribuir para atuar como base para futuras pesquisas acadêmicas nas áreas da Filosofia, da Saúde e da Educação.

5.1 METODOLOGIA

A metodologia de pesquisa utilizada foi a **Revisão de Literatura** que permitiu conceituar, contextualizar e analisar temas significativos para identificar e compreender aspectos inerentes ao objeto de pesquisa, cujo caráter qualitativo, exploratória e descritiva, numa concepção filosófica foi norteadada pela análise de texto, através do método hermenêutico que pode ser compreendido como:

[...] algo anterior à interpretação, por isso, concordamos que [...] hermenêutica é, antes de tudo, assim como tudo para nós, palavra. A hermenêutica ultrapassa a interpretação e coloca-se como mediadora entre a linguagem e a correta compreensão pelos sujeitos dos vários signos (AMARAL FILHO, 2009, p. 39).

A interpretação pode ser feita por meio do diálogo verbal e não verbal, cuja proposta é compreender as diversas formas de comunicação que integram os teóricos aqui citados. A perspectiva da Logoterapia e Análise Existencial de Viktor Frankl revela a importância da dimensão noética que possibilita ao homem exercer a liberdade e responsabilidade como uma condição da própria existência em se posicionar. Portanto, o significado da palavra e o seu contexto ampliam horizontes, possibilitando a autotranscendência.

Na metodologia hermenêutica o fenômeno não é diferente:

mesmo que haja elementos subjetivos na interpretação, ela não é uma criação autônoma. Ela é devedora ao texto que busca compreender, porque ela não busca qualquer interpretação, mas sim a correta interpretação do texto estudado” (DUARTE; FARIAS; OLIVEIRA, 2017).

5.2 PROCEDIMENTOS

O fator motivacional que norteou esta pesquisa foi a inquietude diante das indagações pertinentes à necessidade de responder a seguinte pergunta: é possível associar o envelhecimento com sentido com a forma como o idoso se relaciona com sua família?

A partir deste questionamento, esta pesquisa tem como objetivo geral compreender o envelhecimento com sentido e sua possível associação com a forma como o idoso se relaciona com sua família como objetivos específicos: (1) conhecer quais características existenciais do idoso colaboram para suas relações familiares; (2) caracterizar o envelhecimento com sentido e (3) identificar se há contribuição da Logoterapia e Análise Existencial para o entendimento do envelhecimento com sentido.

5.3 FONTE DE PESQUISA

As fontes de informações utilizadas foram a partir das bases de dados encontrado nos repositórios de teses e dissertações de universidades brasileiras, no portal de periódicos CAPES, em artigos, no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística-IBGE, Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa Educacional-INEP e o Estatuto do Idoso. Também foram utilizados livros editados nos últimos dez anos em português e espanhol. As palavras chaves utilizadas na pesquisa foram: família, relação familiar, configuração familiar, envelhecimento e cultura, sentido da vida, idosos, sentido da vida e finitude como forma de fundamentar e agregar informações na elaboração desta pesquisa.

5.4 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Esta pesquisa está fundamentada na teoria Frankliana devido ao seu arcabouço teórico filosófico, antropológica, ontológica e fenomenológico é possível compreender a complexidade da existência humana. A Logoteoria enquanto fundamento teórico da Logoterapia e Análise Existencial tem como base os três pilares (Liberdade da Vontade, Vontade de Sentido e Sentido da Vida), os três valores (criativos, vivenciais e de atitude) e os três aspectos da tríade trágica (dor/sofrimento, culpa e a morte) que através da ontologia dimensional do ser “Biopsicoespiritual e social”, explicam as necessidades da existência humana, pois entende e explica que todo e qualquer ser humano é livre, responsável, único, irrepetível e inigualável. Assim, ele é capaz de autodistanciar e transcender porque ele “É”, ampliando o olhar e a compreensão para o tema proposto desta pesquisa diante a complexidade da existência e das escolhas humanas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após várias leituras sobre o envelhecimento, o sentido da vida, família, configurações familiares e suas relações, foi percebido que envelhecer enquanto uma condição natural da própria existência humana não pode estar dissociado da sua própria condição ontológica (biopsicoespiritual e social), pois é dessa forma que o homem se relaciona e responde a cada situação, mesmo diante as influências sociais, ele é um ser único, irrepetível, inigualável e indivisível capaz de decidir em todas fases da vida.

Sabendo-se que o envelhecimento se inicia na gestação e se finda diante a finitude da existência humana, é na infância que a formação da personalidade, da identidade são desenvolvidas, marcado pelas experiências vividas, pelo aprendizado e pela formação do 'eu forte e seguro' ou do 'eu frágil e inseguro', contribuindo de forma efetiva para construção das relações. As emoções, sensações, sentimentos e atitudes desenvolvidas são padrões que acompanham a pessoa ao longo da vida, com tendência de se repetirem em várias situações conflitantes ou harmônicas. As atitudes podem ser modificadas a partir de uma nova visão frente a novas experiências ou relações, possibilitando o autodistanciamento e o se autocompreender.

O homem não é capaz de distanciar-se do mundo, mas de si mesmo para compreender a necessidade em adotar uma nova postura diante de cada situação. A autorregulação que se opõe ao paralelismo do psicofísico só é possível devido à autoprojeção que possibilita a pessoa ver a si mesma de outra maneira.

'Ser pessoa' significa liberdade para se transformar. Esta capacidade humana transcende todos os ciclos da vida e todas as situações vividas, pois tudo irá depender do que é valorativo para cada pessoa, como uma bússola existencial interna que orienta as buscas no cotidiano, cuja direção dependerá do valor definido por ela mesma, podendo ser o 'prazer', o 'poder', mas sempre em direção ao 'sentido'; assim, estabelece prioridades, seja no campo social, familiar, profissional ou outras.

O aporte filosófico da 'Análise Existencial' contribuiu para a compreensão da análise sobre a existência humana, da autenticidade e inautenticidade, e não uma análise da existência, porque a existência, em si mesma, não pode ser analisada. O envelhecimento com sentido pode ser considerado como uma abertura da dimensão noética que possibilita vivenciar novas experiências, conhecer a si mesmo e

reconhecer o valor das coisas, como também, estar atento para não se perder de si mesmo e se sentir pressionado pelas influências sociais. Para tal, é preciso aprender a se confrontar e se perguntar frequentemente o 'para que' das escolhas e atitudes, e não os 'porquês', que além de não responder, nega a própria 'liberdade e responsabilidade', se vitimizand.

Por meio da bibliografia e obra de Viktor Frankl, fundador da Logoterapia e Análise Existencial, foi possível compreender o significado da vivência como valor experiencial e como o autodistanciamento colabora para que o indivíduo se distancie de si para ampliar a visão sobre si mesmo e a situação momentânea, assim, poderá autocompreender e se autoprojetar para o futuro, como fonte de força e esperança. Quando a pessoa aprende a utilizar os recursos da dimensão noética, ela se torna mais firme, mais livre para se posicionar diante dos problemas. Na velhice, isto não é diferente, os benefícios são muitos, principalmente como ela supera as dificuldades e melhora as relações afetivas, com humor, serenidade e sabedoria, dando mais leveza à vida, rir de si mesmo, e sair da própria cegueira.

Esta noodinâmica leva a pessoa a compreender que não somos totalmente livres 'de', mas somos livres 'para', demonstrando que apesar de tudo, podemos recorrer aos próprios recursos da dimensão noética e dizer sim a vida, pois se a vida tem um sentido, devemos também encontrar o sentido no sofrimento e modificar nossa atitude.

O ser humano, por ser um 'ser de relação', busca sentido em todas as situações, principalmente nas relações interpessoais, a partir daquilo que é valorativo, estabelecendo distintas formas de convivência que podem ser 'saudáveis ou não', 'madura harmônica' ou 'imatura e distante'. Portanto, o fato de existir uma relação entre o envelhecimento com sentido e a forma como o idoso se relaciona com a família, o tipo de relação dependerá dos vínculos de afetividade e confiança desenvolvidos de ambas as partes, podendo ser configurado e ajustado na realidade do "aqui e agora". Quando a organização dos pensamentos e os sentimentos ocorrem de forma aberta e flexível nas pessoas, a adaptação e a convivência tornam-se mais fácil e autêntica. A aceitação da própria velhice demonstra que no decorrer do envelhecimento, o sentido foi integrado na forma natural, possibilitando uma boa compreensão da vida, interferindo de forma positiva nas relações de cunho social ou familiar.

Foi percebido que questões existenciais geralmente estão relacionadas com os valores e que variam de pessoa para pessoa, sendo necessário o exercício da auto-observação para se autoconhecer e compreender quem sou eu; como sou percebido pelos outros; o que eu quero, o que eu posso, o que eu devo e assim alcançar uma consciência plena da própria existência e no percurso do envelhecimento, a pessoa possa encontrar o sentido em todas as coisas e situações da vida. Então, aprender a se questionar desde criança sobre o que eu posso, o que eu quero e o que eu devo, além de serem educativas, amplia a consciência sobre os valores éticos, propiciando um envelhecimento coerente com a forma de ser, de pensar e de agir.

Foi identificado que o envelhecimento como experiência existencial está correlacionado com fatores naturais da própria condição humana, mas também como ele capta, interage e responde as situações, de forma tranquila ou estressada. A aposentadoria pode ser compreendida tanto pelo aspecto positivo, quanto negativo, a depender da percepção do idoso e da família e como eles lidam com a nova realidade, e adaptação de um novo ciclo.

A arte de envelhecer traz um entendimento da interação da pessoa com os aspectos inerentes a vida, principalmente em relação a transitoriedade na temporalidade da vida, estar atento e valorizar cada momento vivido, é compreender a finitude da própria existência e ser capaz de identificar as coisas boas e ruins, aprender a responder a vida, por meio da liberdade e responsabilidade, valorizar as experiências e relacionamentos vividos, ser grato pelas conquistas, como também aprender a perdoar, aceitar as diferenças, confrontar os medos e a angústia para viver uma vida com sentido.

Foi possível compreender, por meio da Logoterapia e Análise Existencial, que pelo fato da dimensão noética não adoecer, pelo fato de ser 'livre', é um ser que 'decide' e responde as diversidades da vida. A própria condição humana possibilita o 'ser' em direção para o 'dever-ser' realizado através da noodinâmica que favorece a autotranscendência do 'ser humano' em 'ser pessoa' e aprender e desenvolver novas habilidades como movimento passivo de transformação e 'de cura'. A dimensão noética poderá colaborar como um farol que ilumina o caminho da pessoa, e as características constitutivas como: liberdade, responsabilidade, a potencialidade, os dons e os valores: criativos, vivenciais e de atitude, poderão atuar como uma bússola capaz de apontar a direção para a pessoa encontre sentido em qualquer idade ou

situação. Afinal, a vida nos convida a responder qual o sentido da vida? Cabe à pessoa encontrar o propósito da sua própria vida.

A flexibilidade na conduta do idoso pode ser um motivador de ânimo e modificador de atitude, possibilitando uma boa interação nas relações interpessoais e familiares. Já a rigidez do pensamento e do comportamento significa o fechamento em si mesmo, diminuindo a conexão com o momento atual, não sendo capaz de exercer a liberdade e responsabilidade de forma saudável, comprometendo o funcionamento neurocognitivo e neuropsíquico, resultando em uma vida de queixas e lamurias. Nestes casos, o sacrifício precisa ser melhor compreendido como a presença de um sofrimento, mas que possui um sentido. Na velhice, o sacrifício possui melhor entendimento, devido ao caráter de missão cumprida.

Este estudo pôde elucidar que a liberdade não fica em um mesmo plano que a necessidade, ao contrário, a liberdade ultrapassa e sobrepõe à necessidade, diante a unicidade e irrepetibilidade do tempo. Por isto, é na velhice que a pessoa compreende e valoriza cada momento vivido.

A família, independentemente da sua configuração, é fundamental na educação e orientação para a vida. A abertura das relações possibilitará melhor escuta, acolhimento e amparo entre os entes da família que irá colaborar para uma relação de afeto, confiança e na formação do vínculo. A forma de relacionamento familiar poderá ser próxima com afeto ou sem afeto, distante com afeto ou sem afeto e até mesmo negligenciar a presença e as necessidades. Na ausência familiar, ele poderá ser abandonado, ou acolhido por amigos, vizinhos ou pelas redes assistencialistas de apoio ao idoso que funcionam como suporte.

Envelhecimento com sentido nos convoca a repensar sobre nossas escolhas e atitudes diante a vida, que tem seguido na contramão da cultura do século XXI, que prima pela imagem do belo, do novo e da perfeição, convocando as pessoas a se cuidarem excessivamente da beleza corpórea, esquecendo-se dos aspectos fundamentais da saúde mental. A 'neurose de massa' (agressividade, depressão e as dependências), prevista por Viktor Frankl como o mal do século XXI, são claramente percebidas por meio do crescente índice do suicídio em jovens que se estende para os idosos, devido ao vazio existencial provocado pela falta de sentido, presente numa sociedade imediatista e consumista, mas que a presença afetuosa da família tem um papel relevante para o envelhecimento com sentido.

Acredito que esta pesquisa poderá ser uma fonte inspiradora para novos estudos sobre o envelhecimento com sentido e a forma como cada pessoa envelhece e se relaciona consigo, com a família e com a vida. Como o ser humano poderá ser livre ou prisioneiro dos próprios preconceitos diante as adversidades da vida. Estar aberto para aprender algo sobre si, independentemente da idade e de novos paradigmas apresentados pela sociedade, das novas reconfigurações familiares que estarão por vir nas novas gerações.

REFERÊNCIAS

AQUINO Thiago A. A. Sentido da vida e valores no contexto da educação. Uma proposta de intervenção à luz do pensamento de Viktor Frankl. São Paulo, ed. Paulinas, 1ª edição, 2015.

ALVES Rubens. **Sobre a morte e o morrer**. São Paulo: Folha de São Paulo, 2003. http://www.espiritualidades.com.br/Artigos/A_autores/ALVES_Rubem_tit_Sobre_a_morte_e_o_morrer.htm

BARBOSA, F. M. **A noção de ser no mundo em Heidegger e sua aplicação na psicopatologia**. Rev. Psicologia Ciência e Profissão, vol.18, n.3, Brasília, 1998. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.1590/S1414-98931998000300002> Acesso em: 20 jan. 2021.

BASTOS, A. C. S; MOREIRA, L. V. C; PETRINI G; ALCÂNTARA M. A. R. (Orgs.) **Família no Brasil. Recurso para a Pessoa e Sociedade. Col. Família e Interdisciplinaridade**. Ed. Juruá Psicologia: Curitiba, 2015.

BAUMAN, Z. **O Mal-Estar da Pós-Modernidade** [1925], ed. Zahar, Rio de Janeiro, 1998.

BELO I. **Velhice: anatomia política dos discursos dominantes**. CDU 314.9-053.89 [1990].file:///C:/Users/denis/OneDrive/Documentos/ARTIGO%20SOLDA%20BELO%20-%20VELHICE%20-%20ANATOMIA%20POLITICA.pdf. Acesso em:20 jan. 2021.

BELTRINA C; LOPES, R. G. C; SILVA, A. C. L; TEIXEIRA, J. B; AGUIAR, J. S. **Suicídio na envelhescência**. Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental, vol.12, n. 4, São Paulo, 2009. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1415-47142009000400002>. Acesso em: 20 jan. 2021.

BERLINCK, M. T. **A envelhescência. In: Psicopatologia Fundamental**. São Paulo: Escuta, 2000. p. 193-198.

BRITO E. S.; FERREIRA M. M. MOREIRA L.V. C. RABINOVICH, E. P. **Coleção: Família e Desenvolvimento Humano. Envelhecimento Intergeracionalidade. Olhares interdisciplinares**, vol. 2, cap. 21, Ed. CRV, Curitiba, 2019.

BUBER, M. **Eu e tu**. São Paulo, SP: Ed. Centauro, 2010.

BURMEISTER, S. B. **Família e pessoa idosa. Reflexão e orientação**. Ed. Sinodal, São Leopoldo: Rio Grande do Sul, 2013.

BURMEISTER, S. B. **Família e pessoa idosa. Reflexão e orientação**. Rio Grande do Sul: Ed. Sinodal; São Leopoldo, 2013.

CARDINALLI, I. E. **Heidegger: o estudo dos fenômenos humanos baseados na existência humana como ser-aí (Dasein)**. Rev. Psicologia USP, vol. 26, n. 2. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/pusp/v26n2/0103-6564-pusp-26-02-00249.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2021.

DEBERT, G. G. **A reinvenção da velhice: socialização e reprivatização do envelhecimento**. Ed. da Universidade de São Paulo, FAPESP, 1999. Pro-Posições, vol. 13, n. 2 (38), maio/ago., 2002, SP.

DEBERT, G. G. **O corpo e a reinvenção da velhice**. Coleção: Família e Desenvolvimento Humano. Envelhecimento Intergeracionalidade. Olhares interdisciplinares, vol. 2, cap. 01. Ed. CRV, Curitiba, 2019.

DEBERT, G. G. **Velhice e o curso da vida pós-moderno**. REVISTA USP, São Paulo, n.42, p. 70-83, jun./ago. 1999, SP.

DUARTE, E. S.; FARIAS, G. F.; OLIVEIRA, N. A. **O método hermenêutico e a pesquisa na área das ciências**. Evento: XXII Jornada de Pesquisa. UNIJUI, 2017. file:///D:/UCSAL/MESTRADO%20-%20UCSAL/LIVROS%20-%20TEXTOS%20-%20MESTRADO/M%C3%89TODO%20HERMEN%C3%8AUTICO.pdf

DUARTE, L. F. D.; GOMES, E. C. **Três famílias: identidade e trajetórias transgeracionais nas classes populares**. Rio de Janeiro: Editor FGV, 2008.

DUBOIS-DUMÉE, J-P. **Envelhecer sem ficar velho. A aventura espiritual**. São Paulo: Paulinas, 2019.

DUBOIS-DUMÉE, J-P. (2019). **Envelhecer sem ficar velho. A aventura espiritual**. São Paulo: Paulinas.

ESPÍNDULA, J. A. G; FERREIRA, N. N. **Saúde e Sentido de Vida: As Vivências do Envelhecer**. Revista da Associação Brasileira de Logoterapia e Análise Existencial, v. 6, n. 1, p. 37-52. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/le/article/view/32130/20081>. Acesso em: 01 fev. 2021.

FARBER, M. **Edmund Husserl e os fundamentos de sua filosofia**. Revista da Abordagem Gestáltica, vol.18, n. 2, Goiânia, 2012.

FEIJOO, A. M. L; PROTASIOLL, M. M. **Análise existencial: uma psicologia de inspiração kierkegaardiana**. Arquivos Brasileiros de Psicologia, vol 63, n. 3, Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672011000400007. Acesso em: 01 fev. 2021.

FERREIRA O. G. L; MACIELII S. C.; COSTALLI S. M. G; SILVA A. O; MOREIRA M. A. S. P. **Envelhecimento ativo e sua relação com a independência funcional**. Rev. Texto Contexto Enferm., vol. 21, n. 3, Florianópolis, 2012. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072012000300004. Acesso em: 01 fev. 2021.

FRANKL, V. E. **A Presença Ignorada de Deus**. 12ª ed. Vozes, Petrópolis - Rio de Janeiro, 2010.

FRANKL, V. E. **A Vontade de Sentido. Fundamentos e aplicações da Logoterapia.** 1ª ed. Paulus: São Paulo, 2011.

FRANKL, V. E. **Em Busca de Sentido: um psicólogo no campo de concentração.** Petrópolis: Vozes, 1991.

FRANKL, V. E. **Fundamentos Antropológicos da Psicoterapia.** Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

FRANKL, V. E. **Logoterapia e Análise Existencial.** Gen-Grupo Editorial Nacional, 1ª ed. Rio de Janeiro, 2012.

FRANKL, V. E. **O que não está escrito nos meus livros: memórias.** São Paulo: 2ª Ed. É Realizações, 1995.

FRANKL, V. E. **O sofrimento de uma vida sem sentido.** São Paulo: Ed. É Realizações, 2015.

FRANKL, V. E. **Psicoterapia e sentido da vida.** São Paulo: 3ª ed. Quadrante. 1989.

FRANKL, V. E. **Teoria e Terapia das Neuroses. Introdução à logoterapia e à análise existencial.** 1ª ed. São Paulo: É Realizações, 2016.

FRANKL, V. E. **Um Sentido para a Vida: Psicoterapia e Humanismo.** 11ª ed. São Paulo: Idéias Letras, 2005.

FREITAS, M. L. S. **Afrontamento e superação de crises: Contribuições da Logoterapia.** Ribeirão Preto: 1ª Ed. Editora IECVF, 2014.

FREITAS, M. L. S. **Há coerência entre a vida e a obra de Viktor frankl?** Logos & Existência. Revista da Associação Brasileira de Logoterapia e Análise Existencial, v. 1, n. 2, p. 115-127, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/le/issue/view/1128>. Acesso em: 10 jan. 2021.

FREITAS, M. L. S. **Pedagogia do sentido: Contribuições de Viktor Frankl para a Educação.** Ribeirão Preto: 1ª Ed. Editora IECVF, 2017.

FRUMI, C.; CELICH, K. L. **O olhar do idoso frente ao envelhecimento e à morte.** Revista Brasileira De Ciências Do Envelhecimento Humano, 3(2). <https://doi.org/10.5335/rbceh.2012.78>

GOMES, T. F. **O Conceito de Pessoa em Max Scheler.** Ed. PUCRS, Rio Grande do Sul. Disponível em: <https://editora.pucrs.br/anais/seminario-internacional-de-antropologia-teologica/assets/2016/14.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2021.

GRUN, A. **A Sublime arte de envelhecer.** 5ª ed. Vozes Nobilis, 1ª Reimpressão Petrópolis. Rio de Janeiro, 2016.

HEIDEGGER, M. **Ser e tempo.** Petrópolis: Ed. Vozes, 2009.

HERRERA, L. G. P. **Viktor Frankl Comunicación y resistència**. 1ª ed. San Pablo, 1ª Reimpressão, Buenos Aires: San Pablo, 2007.

HUSSERL, E. **A ideia da Fenomenologia**. São Paulo: Ed. Vozes, 2008.

IBGE. **Envelhecimento da população do Brasil deve se acelerar, aponta IBGE**. Disponível em: <https://www.valor.com.br/brasil/4794347/envelhecimento-da-populacao-do-brasil-deve-se-acelerar-aponta-ibge>, 2016. Acesso em: 10 jan. 2021.

IBGE. **Projeção da População 2018: número de habitantes do país deve parar de crescer em 2047**. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/21837-projecao-da-populacao-2018-numero-de-habitantes-do-pais-deve-parar-de-crescer-em-2047>. Acesso em: 10 jan. 2021.

JANZEN, M. R.; HOLANDA, A. **Elementos para Psicologia no pensamento de Soren Kierkegaard**. Rev. Estudo de Pesquisa em Psicologia. v. 12, n. 2. Rio de Janeiro, 2012.

JÁUREGUI, I P.O. **Proyectos de vida y liderazgos autênticos. Técnicas de evaluación**. Psicoteca editorial. Buenos Aires, Argentina, 2015.

JÁUREGUI, I. P. **El Metodo Fenomenologico. Su aplicación en Psicologia y Psicopatologia**. Psicoteca editorial. Buenos Aires, Argentina, 1995.

KROEFF, P. **Logoterapia e Existência. A Importância do Sentido da Vida**. Ed. Evangraf: Porto Alegre, 2014.

KROEFF, P.; OLIVEROS, O. L. **Finitude e Sentido da Vida: A logoterapia no embate com a tríade trágica**. Ed. Evangraf: Porto Alegre, 2014.

KUPLÉN, A. **Círculos de vida plena. El sentido de la vida entre la acción y el misterio transcendente**. Ed. Letraeñe y Serigrafia, 2ª Edición, Montevideo-Uruguay, 2008.

LUKAS, E. **Logoterapia: a força desafiadora do espírito**. Tradução de José de Sá Porto. São Paulo: Edições Loyola, 1989.

LUKAS, Elisabeth. **Una vida fascinante. Em la tension entre ser y deber ser**. San Pablo, 2006.

MASC, Silvia. **Pesquisa demográfica e estudos populacionais**. Disponível em: <https://www.ufjf.br/ladem/2013/06/28/o-olhar-ao-idoso-no-japao-e-na-china-por-silvia-masc/>, 2013. Acesso em: 10 jan. 2021.

MATHEUS, Carlos. **Max Scheler e a gênese axiológica do conhecimento**. Margem. São Paulo, n. 16, p. 13-27, Dez, 2002. Disponível em: <http://www4.pucsp.br/margem/pdf/m16cm.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2021.

MEDEIROS, R. S.; SOUZA, F. D.; OLIVEIRA, G. A. Efeitos e benefícios da musculação para o idoso. Março, 2019. Disponível em <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/saude/musculacao-para-o-idoso>. Acesso em: 10 jan. 2021.

MENEZES, J. J. **Coleção Estudos sobre a Família. Relações Familiares.** Vol. 2, cap.7. Ed. CRV: Curitiba, 2016

MOTTA, A. B. **Coleção Família e Desenvolvimento Humano. Envelhecimento Intergeracionalidade. Olhares Interdisciplinares.** Vol. 2, cap. 1. Ed. CRV. Curitiba, 2019.

MOREIRA, L. V. C; CARVALHO, A. B. **Coleção Estudos sobre família. Relações Familiares.** Vol. 2, cap. 12. Ed. CRV: Curitiba, 2016.

NETO, V. **Existência e sentido:** A Logoterapia como uma genuína psicoterapia fenomenológica existencial. Revista Logos Existência. Associação Brasileira de Logoterapia e Análise Existencial, 2013.

OLIVEIRA, E. k. S; SILVA. J. P. **Sentido de vida e envelhecimento: relação entre os pilares da logoterapia e bem-estar psicológico.** Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/le/article/view/16817>. Acesso em: 10 jan. 2021.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. **Resumo do Relatório Mundial de Saúde.** Disponível em: <https://sbgg.org.br/wp-content/uploads/2015/10/OMS-ENVELHECIMENTO-2015-port.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2021.

PALACIOS, A. R. J. **Velhice, palavra quase proibida; terceira idade, expressão quase hegemônica:** apontamentos sobre o conceito de mudança discursiva na publicidade contemporânea. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/palacios-annamaria-velhice-palavra-proibida.pdf>. Acesso em: 02 jan. 2021.

PARRY, S. **A família brasileira diante de transformações no cenário histórico global.** Revista Antropológicas, ano 9, v. 16, n. 1, p. 217-242., 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaanthropologicas/article/download/.../19285>. Acesso em: 02 jan. 2021.

PEREIRA, I. S. **O pensamento filosófico de Viktor Emil Frankl: homem, mundo e Deus.** Tese de doutorado, Universidade Federal do Cear. instituto de cultura e arte departamento de filosofia, 2017. Disponível em: http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/28430/3/2017_tese_isperreira.pdf. Acesso em: 02 jan. 2021.

PETER, R. **Viktor Frankl: a antropologia como terapia.** 1ª ed. Paulus: São Paulo-SP-1999, 4ª reimpressão, 2015.

PINHEIRO, C. **Coleção Direito Vivo. Psicologia Jurídica.** Ed. Saraiva Jur: São Paulo, 4ª ed. 2017.

PETRINI, J. C. **Família no século XXI: abordagem relacional**. Pierpaolo Donati. Ed. Paulinas: São Paulo-SP, 2008.

PETRINI, J.C. **Coleção Estudos sobre família. Relações Familiares**. Vol. 2, cap. 02. Ed. CRV: Curitiba, 2016.

PINTO, E. B. **A pesquisa qualitativa em psicologia Clínica**. Rev. Psicologia USP, v. 15, n. 1-2, São Paulo: 2004. Rev. Psicol. USP vol.15 no.1-2 São Paulo jan./jun., 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-65642004000100012>. Acesso em: 02 jan. 2021.

PINTOS, C. G. **Cita e Ciegas – Viego 3**. San Pablo. Buenos Aires. Argentina. 2006.

PINTOS, C. G. **Frankl por definición. Consultor temático de Logoterapia y Análisis Existencial**. San Pablo: Buenos Aires, 2007.

PINTOS, C. G. **La familia del anciano también necesita sentido: la orientación psicogerontológica familiar**. 1ª ed. Buenos Aires: San Pablo, 2005.

PINTOS, C. G. **O mar me contou. A logoterapia aplicada ao dia a dia**. São Paulo: Editora Cidade Nova, 2017.

PONTY, M. M. **A Fenomenologia da percepção**. 2ª ed. 1999. Livraria Martins Fontes Editora Ltda, São Paulo, 1999.

RABINOVICH E. P; MOREIRA L. V. C; BRITO E. S; FERREIRA M. M. **Envelhecimento Intergeracionalidade. Olhares Interdisciplinares. Coleção Família e Desenvolvimento Humano**. Vol. 2, Capítulo1, 2, 3, 21, ed. CRV, Curitiba, 2019.

RABINOVICH, E. P; MOREIRA L. V. C; FORNASIER, R. C. **Envelhecimento Intergeracionalidade. Olhares Interdisciplinares**. Coleção Família e Desenvolvimento Humano. Vol. 2, cap. 2. Ed. CRV, Curitiba, 2019.

RAMON, S. P. **A importância da act-psychology de Franz Brentano. Psicologia: Reflexão e Crítica**. Psicol. Reflex. Crit. v.19, n. 2, 2006. Disponível: <https://doi.org/10.1590/S0102-79722006000200021>. Acesso em: 02 jan. 2021.

SANTANA, C. S. **Envelhecimento, temporalidade e morte nos relatos de idosos: proposta de cuidados**. In: KÓVACS, M. J. **Morte e existência humana: caminhos de cuidados e possibilidades de intervenção**. Rio de Janeiro: ed. Guanabara Koogan, 2008, 77-95.

SANTOS, I. **O Tomismo Fenomenológico de Edith Stein**. CEPROC-Feusp/IJI Universidade do Porto, 2012.

SARTRE, J. P. **O Existencialismo é um Humanismo** [1945].1ª Reimpressão Ed. Vozes, Petrópolis, Rio de Janeiro.

SBPC/LABJOR. **Velhice-Anciãos transmitem cultura indígena**. Revista Consciência. Disponível em: <https://www.comciencia.br/dossies-1->

72/reportagens/envelhecimento/texto/env06.htm#:~:text=Na%20tradicional%20cultura%20Baniwa%20os,desenvolvidos%20durante%20toda%20a%20vida.&text=Durante%20o%20ritual%20de%20benzimento,os%20epis%C3%B3dios%20e%20os%20mitos. Acesso em: 02 jan. 2021.

SCHELER, F. M. **A posição do homem no cosmos**. Rio de Janeiro, RJ: Ed. Forense Universitária, 2003.

SCHELER, F. M. **Da Reviravolta dos Valores**: Ensaios e artigos. 2ª ed. Vozes, Petrópolis, Rio de Janeiro, 2012.

SCHNEIDER, R. H. e IRIGARAY, T. Q. **O envelhecimento na atualidade**: aspectos cronológicos, biológicos, psicológicos e sociais. Rev. Estudo Psicologia. Campinas. vol. 25, n. 4, out./dez. 2008, SP. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2008000400013&lng=pt&tling=pt. Acesso em: 02 jan. 2021.

SILVA, R. M; BRASIL, C. C. P. **A quarta idade: o desafio da longevidade**. Rev. Ciênc. saúde coletiva, vol. 21, n.11, Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232016001103631. Acesso em: 02 jan. 2021.

SILVA, C. F. S.; VILELA, D. S. D. **Coleção Estudos sobre família. Relações Familiares**. Vol. 02, cap. 16. Ed. CRV: Curitiba, 2016.

SOMMERHALDER, C. **Sentido da vida na fase adulta e velhice**. Rev. Psicologia Reflex.Crítica, v. 23, n. 2, Porto Alegre, 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722010000200009. Acesso em: 10 jan. 2021.

SOUZA, A. B; BELEZA, M. ANDRADE, R. F. C. **Novos arranjos familiares e os desafios ao direito de família**: uma leitura a partir do Tribunal de Justiça do Amazonas. PRACS: Revista Eletrônica de Humanidades do Curso de Ciências Sociais da UNIFAP, Macapá, 2012. Disponível em: <https://periodicos.unifap.br/index.php/pracs/article/viewFile/577/n5Souza.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2021.

UFJF. **Laboratório de Demografia e Estudos Populacionais**. Disponível em: <https://www.ufjf.br/ladem/2013/06/28/o-olhar-ao-idoso-no-japao-e-na-china-por-silvia-masc/>. Acesso em: 10 jan. 2021.

VIEIRA, D. C. R; AQUINO, T. A. A de. **Validade subjetiva, sentido na vida e religiosidade em idosos**: um estudo correlacional. Rev. Temas psicol. v. 24, n. 2, Ribeirão Preto, jun., 2016. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2016000200005